

# Porto dos Cabaleiros

Directores: José Domingues e Américo Rodrigues

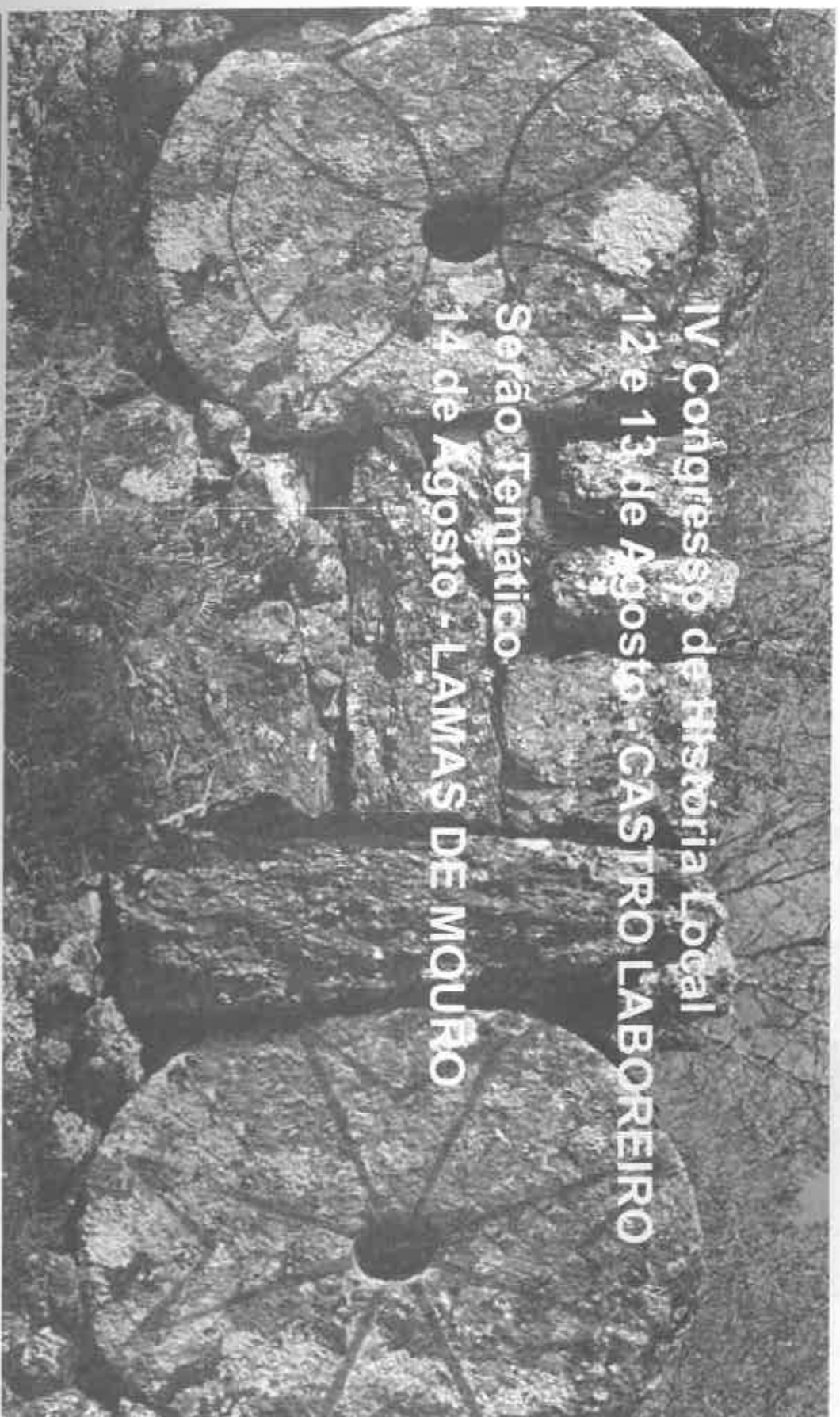
Castro Laboreiro e Lamas de Moura



PROPRIEDADE  
Associação de Estudos e Pesquisas  
do Castelo Laboreiro

Preço: 1€

JORNADAS CULTURAIS 2005 EM CASTRO LABOREIRO E LAMAS DE MOURA

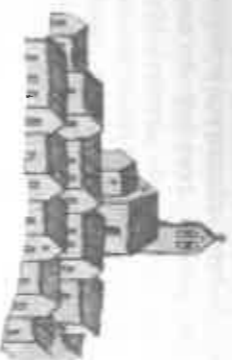


IV Congresso de História Local  
12 e 13 de Agosto - CASTRO LABOREIRO  
Serão Temático  
14 de Agosto - LAMAS DE MOURA

## EDITORIAL

O Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro, no decurso das Jornadas Culturais 2005 (de 12 a 14 de Agosto), em Castro Laboreiro e Lamas de Moura, para além dos outros eventos culturais divulgados, irá apresentar dois livros da lavra de dois filhos de Castro Laboreiro:

i. P.º Manuel António Bernardo PINTOR, Obra Histórica – I.



FESTACULTURAL  
2005  
em Castro Laboreiro  
13, 14 e 15 de Agosto



O padre **Bernardo Pintor** nasceu no lugar do Ribeiro de Riba, no dia 21 de Dezembro de 1911, e dedicou, praticamente, toda a sua vida ao sacerdócio – que exerceu, quase sempre, na freguesia de Riba de Moura, concelho de Monção (exceptue-se a passagem pela Póvoa de Varzim e por Sequeira, Braga, no início do seu múnus sacerdotal) – e à investigação histórica local. A notabilidade que atingiu no âmbito da investigação histórico-científica tornou-o uma referência assídua e obrigatória, mesmo entre os historiadores de renome nacional, para quantos se debruçam sobre os fastos passados dos concelhos do Alto Minho (sobretudo, Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez) e, em simultâneo, de Portugal em geral.

A sua terra natal dedicou, entre outros escritos dispersos, um trabalho de fundo sobre os forais – Castro Laboreiro e os seus forais – apresentado ao Congresso Histórico de Portugal Medievalo,

realizado em Braga, em Novembro de 1959. Um resvalar pelos nomes que participaram nesse congresso deixa-nos a certeza de que o investigador crastejo ombreou com os mais distintos medievalistas da época. Para avaliar a outorga do foral de D. Afonso Henriques a Castro Laboreiro estabeleceu contacto com o eremito compilador dos Documentos Medievais Portugueses, Rui Pinto de Azevedo. Este supremo penho em documentação dos Condes Portucalenses e do seu filho, Afonso Henriques, foi o recurso de última instância do P.º Bernardo Pintor, numa desesperada tentativa de fazer luz sobre o assunto, tão delicado e de difícil resolução, que o apouquerava. Testemunho incontestado da troca de informações entre ambos os eruditos é o agradecimento que Rui de Azevedo lhe consigna, no final do tomo II do vol. I, dos Documentos Medievais:

“Para terras dos antigos concelhos de Melgaço, Monção e Valença forneceu-nos dados importantes o Rev. Manuel António Bernardo, pároco de Riba de Moura.” ➤



Família de José Joaquim Alves dos Portos  
no início do século XX - (Foto: Sérgio Domingues)

(Continuação da página 1)

Mas, em relação ao foral de Afonso Henriques a Castro Laboreiro, o douto académico, perfilha uma posição divergente da do pároco de Riba de Mouro, conforme lhe transmitiu em missiva pessoal:

“O foral de 1134, dado por Lousada no manuscrito, de que o original se encontra no Arquivo de Braga e uma cópia na Biblioteca Pública do Porto, é, como os outros documentos que ele transcreve, um documento forjado por ele, embora tenha recorrido a quaisquer documentos autênticos para arquivar o texto”



Apesar da força dos argumentos, magistralmente desfiados, não conseguiu o investigador crastejo o almejado apoio da comunidade científica para a sua tese, continuando, por isso, o foral de Afonso Henriques a Castro Laboreiro arredado de toda a historiografia nacional. Estou convicido de que se Rui Pinto de Azevedo tivesse aceite a argumentação do P.º Bernardo, mesmo com algumas reservas (a que a matéria obriga), hoje muito poucos, ou mesmo nenhuns, investigadores académicos poriam entaves a este foral e ao seu conteúdo conhecido. Mas o conciliabulo catedrático preferiu aludir a pretensos documentos antigos ao invés de dar o benefício da dúvida – in dubio pro reu – a alguém (Gaspar Álvares Lousada) que tem vindo a ser acusado de falsário só porque, passados séculos, não aparecem alguns dos documentos que trasladou.

Mas não é este o momento de apreciar argumentos e teorias, do que ninguém duvida é do elevado nível científico do autor desta obra póstuma, que reúne todos os seus trabalhos editados em livro e em separata – ficou de fora, penso que por lapsos, a separata de “Terra de Val de Vez”, n.º2, 1981, intitulada Por terras de Soajo: São Bento do Cando na freguesia da Gavieira. A entidade promotora desta edição, Rotary Club de Mongão, pretende dar continuidade à obra histórica do P.º Bernardo Pintor dispersa pelos periódicos locais. Nesse sentido, já se encontra em fase de preparação a Obra Histórica – II, Ao Rotary Club de Mongão e ao seu presidente, Sr. Rui Evangelista, não podemos deixar de, publicamente, consignar as mais sinceras congratulações e um forte apelo à

aguardar pelo segundo volume.

Neste primeiro volume da Obra Histórica constam os seguintes trabalhos, inseridos por ordem cronológica de edição:

- Doação de Afonso Pais e outros ao Mosteiro de Fiães em 1157.
- Mosteiro de S. Salvador de Paderne (Alto Minho).
- Castro Laboreiro e seus forais.
- Senhora da Peneda (Senhora do Minho).
- Meigaço Medieval.
- Santuário da Senhora da Peneda – Uma jóia do Alto Minho.
- O Reccontro de Val-de-Vez. Onde foi?
- Diocese de Viana do Castelo. Precedentes históricos.
- Paróquia do Mosteiro de S. Salvador de Paderne (Alto Minho).
- Homenagem de Mongão a D. Nuno Álvares Pereira.

Um Homem só morre quando é esquecido, por isso, o P.º Manuel António Bernardo Pintor continua presente entre nós e, temos a certeza, que nenhum ensejo lhe seria tão agradável como o de ser recordado com subida estima e elevada consideração na sua própria terra natal e entre os seus conterrâneos, mesmo depois da sua morte.

## 2. Manuel DOMINGUES, O Pegureiro e o Lobo: Estórias de Castro Laboreiro.

Manuel Domingues nasceu em Varzea Travessa, em 1941. Participou activamente nas tarefas agro-pastoris próprias da sua idade, integrado no ambiente social crastejo da época, até ao final dos estudos universitários. Após o cumprimento do serviço militar na Guiné, cuja experiência relatou em livro – Uma Campanha na Guiné 1965/67, História de uma Guerra. Relatos e memórias dos intervenientes – fixou-se em Lisboa onde desenvolveu a sua actividade profissional como gestor de empresas e docente universitário. Aos 22 anos criou a “Página de Castro Laboreiro”, para defender os valores da cultura castreja. Actualmente, é colaborador habitual e imprescindível do Porto dos Cavaleiros, periódico de Lamas de Mouro e Castro Laboreiro. Ao reatar os laços com a sua terra mãe, constatou que a sociedade de cariz comunitário, na qual despertara para o mundo e que enformara a sua maneira de encarar a vida, se encontra em fase de desaparecimento, devido à desertificação, resultante do fenómeno migratório e à ausência de defesas contra a invasão de elementos estranhos. Inconformado com o ostracismo a que foi votada uma cultura agro-pastoril centenária e com forte identidade, decide contar a sua vivência de criança, traçando alguns aspectos fundamentais da comunidade crasteja dos meados do século XX, como forma de evitar o seu esquecimento. Assim surge O Pegureiro e o Lobo: Estórias de Castro Laboreiro, que será oficialmente apresentado no 4.º Congresso de História Local, em Castro Laboreiro, no dia 13 de Agosto.

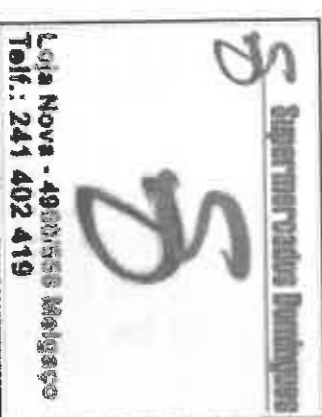
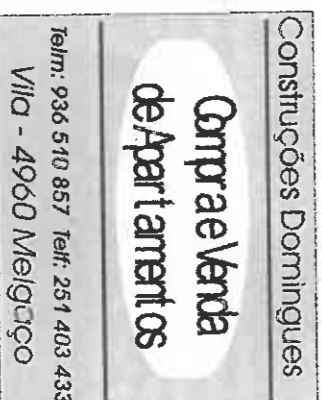
Outro ponto marcante destas jornadas culturais será, sem dúvida, a comunicação de Paulo Loução – Os Templários na Formação de Portugal – no auditório das Portas de Lamas de Mouro, no dia 14, a partir das 20:00 horas. O mistério templário é um dos temas possantes da actualidade cultural nacional e internacional. Está a dar azo a rios de tinta e montanhas de papel, livros científicos e romances – ninguém ignora que em seu torno gira o best-seller de Dan Brown, O Código Da Vinci – prospeções arqueológicas e busca de tesouros escondidos, teorias e crenças – há quem acredite que a sumptuosa biblioteca templária esteja por baixo do mosteiro de Alcobça.

Paulo Alexandre Loução nasceu em Lisboa, em 1964. Nos seus estudos distinguiu-se na área da Matemática, mas o seu vivo interesse pelas Ciências Humanas, levou-o a aprofundar a sua formação nos domínios da Filosofia Clássica, Simbologia, Antropologia da Religião e Filosofia da História. Para isso contribuíram os seus quinze anos de estudo e investigação na escola de Filosofia da Associação Cultural Nova Acrópole.

Desde há uns anos tem orientado as suas investigações com a finalidade de colaborar no necessário resgate da memória cultural e espiritual do nosso país. Actualmente é director do projecto Ésqui. Nesta qualidade concebeu e dirigiu o projecto multimédia editado em suporte CD-Rom, Descobrimos Portugueses. Tem escrito artigos e ensaios nas mais diversas áreas, desde a Ecologia, Filosofia, Esoterismo, História de Portugal e Antropologia do Imaginário. Mas a sua obra de maior fôlego é, sem dúvida, a tetralogia «Portugal Escolérico»:

- Os Templários na Formação de Portugal.
- Portugal – Terra de Mistérios.
- A Alma Secreta de Portugal.
- Dos Templários à Nova Demanda do Graal.

Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro / monteslaboreiro@hotmail.com





Memórias Setecentistas – 1701



As memórias que hoje se imprimem fazem parte da Corografia Portuguesa do P.º Carvalho da Costa, publicada pela primeira vez em 1706, mas com licença de publicação datada de 1701, e reeditada em 1868. Obra de destaque e referência para o arranque do estudo e descrição das realidades locais portuguesas, nomeadamente do Dicionário Geográfico do P.º Luís Cardoso, que marcaram todo o século XVIII. Tornou-se a base de apoio para o Portugal Antigo e Moderno de Pinho Leal e serviu muitos outros corografistas e dicionaristas. Hoje, continua a ser uma fonte preciosa de informação para qualquer que pretenda sacudir o passado histórico destas duas autarquias – Lamas de Mouro e Castelo Laboreiro.

Ao tempo da sua elaboração a situação administrativa das duas freguesias era muito diferente da actual. Lamas de Mouro pertencia ao concelho de Valadares – extinto por decreto de 24 de Outubro de 1855 e as suas freguesias repartidas pelos concelhos de Melgaço e Monção – e a comarca de Valença. Castro Laboreiro ainda era concelho autónomo – extinto pelo mesmo decreto – e pertencia à comarca de Barcelos. Não cause surpresa a ligação de Castro Laboreiro à comarca de Barcelos. Este concelho e o de Melgaço são os únicos de Entre-lima-e-Minho que integram a comarca de Barcelos, pelo simples facto de pertencerem à Casa de Bragança.

A explosão da torre de menagem do castelo de Laboreiro, que servia de paiol da pólvora, quando foi atingida por um raio, é relatada como facto contemporâneo do autor. Pinho Leal não soube ler esta informação e reportou-a ao princípio do século XIV, no reinado de D. Dinis, quando ainda nem sequer tinha sido descoberta a pólvora. Hoje conhece-se um documento que, pormenorizadamente, relata o sucedido nessa manhã fria de 18 de Novembro de 1659. Será que o ilustre Carvalho da Costa andou por estas paragens serranas e chegou a ver a destruição da torre de menagem? Se por ventura passou em Lamas de Mouro e esteve em Castro Laboreiro – há sempre a suspeita de lhe ter sido transmitida a informação – teve que ser entre esta última data (1659) e a da licença para publicação da obra (1701).

Caso por aqui se tenha aventurado, deve ter coligido da voz do povo a poética lenda que apadrinha o nome do rio Mouro, posteriormente aprovellada e desenvolvida por José Augusto Vieira no seu Minho Pitoresco. Apesar de assaz conhecido, este relato lendário não foi incluído na colectânea das Lendas do Vale do Minho. Para além da matéria coetânea e lendária, o autor embrenha-se também na história documentada, referindo, por exemplo, a carta de couto do mosteiro de Pademe do século XII, que continua a ser a mais recente referência escrita ao castelo de Laboreiro.

De qualquer forma a sua palavra não é de evangélista, por isso, penso que se tenha equivocado ao afirmar que a igreja de Castro Laboreiro foi vigairaria anexa à matriz de Ponte de Lima. Até à data não encontrei a mínima referência a essa ligação. O que me parece mais plausível é que o P.º Carvalho da Costa tenha tido acesso a alguma informação documental que ligasse esta igreja com a "Limia". Mas, neste caso, seria a Limia galega e não Ponte de Lima, uma vez que não há dúvida do vínculo desta igreja com o mosteiro de Cela Nova, o seu primordial padroeiro.

Com este breve excursão, porque está totalmente fora dos propósitos deste artigo fazer uma análise crítica rigorosa aos escritos de Carvalho da Costa, passo à transcrição dos textos:

*"S. João de Lamas de Mouro he Abbadia do Ordinario, rende quarenta mil reis, tem quarenta visinhos, que são privilegiados de Malta pela Comenda de Tavora, a que pagão muito foro, não sendo a terra por roim capaz de tanto. Dizem que algum tempo foy esta Igreja de Templarios, e delles, quando se extinguirão, passou aos Malfezes. O como sahio delles para o Ordinario nam alcançamos, que naquelles tempos os mais dos contratos erão verbaes. Aqui nasce o rio Mouro, nome que tomou daquelle poderoso, ou regulo, de que já fallamos, e que neste monte tinha sua coutada de recreação para caçar. O rio inda que pequeno, dá saborosas trutas, e se engrossa com o da Mendelira, que pouco abaixo lhe entra."*

[COSTA, P.º Carvalho da – Corografia Portuguesa, e Descriçãem Topografica do Famoso Reyno de Portugal, 2.ª Edição, Braga, 1868, vol. 1, p. 255]

*"Duas legos(sic) e meya de Melgaço entre o Nascente, e meyo dia está a Villa de Castro Laboreiro, a que vulgarmente chamão Castro. He terra montuosa, e frigidissima de neves, seus ordinarios frutos são centeyro, e pouco milho muido, muitos gados de toda a casta, as mayores ovelhas Gallegas, e que dão o melhor burel de todo o Portugal, e assim os melhores lacticínios produzidos dos fertis pastos de hervagens, que aquellos montes tem no Verão, a caça de coelhos, lebres, perdizes, javalis, corças, e veação de lobos, raposas, martas, touroens, ginetas, e outros bichos he infinita, e em hum pequeno regato grande quantidade de trutas. Não tem outras arvores, senão poucos, e pequenos carvalhos, bastantes nabos, menos couves Gallegas, frias, e delgadas guerras destes Reynos. Governa-se por Camara de dous Juizes ordinarios, que tambem servem nos Orfaõs, dous Vereadores, e Procurador do Concelho, eleição triennial do povo, e peouro, a que preside o Ouvidor de Barcellos, e dous Tabeliaens, que servem em tudo. Tem em rocha viva hum inexplugnavel Castello, que huns dizem ser obra dos Mouros; outros, que levantando-se em Galliza hum Conde chamado Vitzia, Urtza, ou Guicia contra EIRey Dom Affonso o Magno terceiro em numero, mandou conquistallo por Hernenegildo, Conde das Cidades do Porto, e Tuy seu parente, e Mordomo, o qual o venceu, e lho trouxe prezo; pelo que EIRey lhe deu as terras do treydor, e entre ellas a Villa de Lima, aonde depois seu neto S. Rosendo fundou o Mosteiro de Cella-nova: e este monte Laboreiro, em que seu bisneto Dom Sancho Nunes de Barbosa, cunhado delRey Dom Affonso Henriques, fundou este Castello, que se assim foy, seria em opposição das guerras, que com o Reyno de Leão tivemos; mas pelos mortes de Castro, e Laboreiro, que derivados do Latin querem dizer, Castello trabalhoso, ou que está em terra trabalhosa, como esta o he para o trato humano, me parece ser do tempo dos Romanos; e que seja mais antigo que EIRey Dom Affonso Henriques não ha duvida, pois elle o conquistou com hum duro cerco, como se vê de huma doação do Couto de Pademe, que deixamos dito naquelle Mosteiro: por onde o attribuir-se esta fabrica a EIRey Dom Diniz, seria mais reedificação, que edificio. Consta de huma Torre, que pouco antes que os paysanos o entregassem aos Gallegos, voou com o incendio, que hum rayo causou, com duas portas, huma para o Poente, pela qual sempre o Ceo ameaça as ultimas ruínas com sinais antecedentes à nossa prevenção, e tem huma muralha toska com duas portas, huma para o Poente, pela qual mal se pôde ir a Cavallo, e outra para o Norte, por onde mal pôde huma pessoa ir a pé; virte homens bastão para o dferenderem de grandes exercitos, mas he quasi incapaz de habitar-se. Liro(sic) de arcabuz para o Norte está a Villa em sitio plano, que terá sessenta visinhos, da qual he senhor o Duque de Bragança, que dá os officios; tem o termo huma Freguesia, que he a seguinte.*

*Santa Maria de Crasto, fermosa Igreja, foy Vigairaria anexa à Matriz de Ponte de Lima, passou a Abbadia dos Bispos de Tuy, quando o eraõ tambem destas terras, trocou-a por outras o Bispo Dom João Fernandes de Sotomayor com EIRey Dom Diniz no anno de 1308 e hoje he Comenda da Ordem de Christo, e Reitoria com quarenta mil reis, ao todo cento e cincoenta mil reis, tudo data dos Duques: tem duzentos e vinte visinhos, de que se fôrma huma Companhia muy alentada. Entre mais Ermidas que tem, ha huma de Nossa Senhora de Anamão, Imagem milagrosa, que está em hum valle junto da raya, metida em huns grandes penhasscos, onde foy achada no buraco, que a natureza abriu em hum monstruoso penedo; dizem a trouxeram por vezes à Igreja, mas que outras tantas se tornou, causa de alli lhe fazerem Ermidã. Na chaã tam dilatada, que terá cinco, ou seis legoas, de circunferencia, nasce o pequeno rio, em que se crião as trutas, no qual ha huma pequena ponte que chãnaõ Pedrinha, fabrica de Mouros. Quando himos do Porto dos Asnos, ou Cavalleiros, passamos outro limitado ribeiro, pelo qual foy a pé o santo Arcebispo Dom Frey Bertholameu dos Martyres a visitar aquella Igreja; tem virtude esta agua para curar a boca lixosa à(sic) crianças, e outras enfermidades: então disse que tarde tornaria alli outro Arcebispo; assim foy, porque supposto o intento Dom Sebastião de Matos e Noronha, nam o conseguio, e só em nossos tempos o fez o Eminentissimo Cardeal Dom Verissimo de Lencastro, nosso Inquisidor Geral, quando era Arcebispo de Braga. Para prova da frialdade da terra basta, que o vinho se congela no Inverno de modo, que para a Missa he necessario aquentallo, do que se tivera noticia nam se admirara o Argonés Vitrian nas notas a Felipe de Comines, tom. 1 cap. 42 de o cortarem com escoupro, e martello junto a Ljeja no exercito de Carlos o Bravo Duque de Borgonha no anno de 1468 porque como Aragaõ he terra quente, parecia-lhe que todo o mundo assim devia ser.*

[COSTA, P.º Carvalho da – Corografia Portuguesa, e Descriçãem Topografica do Famoso Reyno de Portugal, 2.ª Edição, Braga, 1868, vol. 1, pp. 300-301]

Hedl - Redaktur - Diakösa

**Don Pepe**  
José González Sousa  
Isabel Pérez Alvarez

Alda Santa Maria La Real, 14  
2860 ERTRIÑO (Cuenca)  
Tél.: 0034 988 534 645 - Fax: 0034 988 131 782  
Móvil: 0034 629 369 981

R. Padre Antonio J. Barreiras Nº16 2º Esq. 4700 Braga  
Tm: 963012693

R. do Carres, 305 1ª Sala 13  
4700-206 Braga  
Tm: 914765665

Contactos: 934 648 129 / 961 049 439

**Amatella Rodrigues & Fernandes, Lda**

**Joel Conde & Fernandes, Lda**

**Compra, Venda e Permuta  
de Apartamentos e Lojas**

**CONSTRUÇÃO CIVIL  
URBANIZAÇÕES**

**Nuno Filipe Fernandes Esteves**



passado presente futuro



## A população Casteja nos últimos 150 anos I Parte: Estabilidade e Desertificação

Por Manuel Domingues (Mouraz)  
Advertência do Autor

De uma forma geral a realidade crasteja tem sido analisada de modo superficial, normalmente pelo aspecto exótico com que se apresentava perante observadores pouco profundos e preconceituosos. Por outro lado os que se têm aventurado na pesquisa de documentos históricos encontram dificuldades e imprecisões que se foram repetindo vezes sem conta ao longo dos tempos. Isto tudo para significar que a história de Castro Laboreiro está por fazer.

Ao resolvermos fazer uma incursão à procura de estatísticas sobre a população nos últimos 150 anos debruçamo-nos sobre os recenseamentos feitos pelo Estado, de forma sistemática a partir de 1864. Independentemente dos erros e omissões temos de reconhecer o mérito daquelas operações a que se pretendeu incurrir métodos de rigor e critérios científicos, como resultado de uma tendência internacional que encontrou eco a nível dos nossos intelectuais e políticos do final do século XIX.

A sistematização da informação e o seu tratamento posterior a nível de todo o País tornou possível um melhor conhecimento da população portuguesa marcada pela elevada taxa de analfabetismo e por uma forte emigração. Progressivamente os censos foram recolhendo informação sobre as condições da habitação e a forma de ocupação. Estes indicadores acabaram por conduzir à elaboração de um retrato das condições de vida dos portugueses.

No caso específico de Castro Laboreiro os números nem sempre reflectem com exactidão a realidade demográfica sobretudo devido ao fenómeno das brandas e inverneiras que muitas vezes parece ter confundido os recenseadores. Tratando-se da primeira abordagem a este assunto com base nos recenseamentos, os números devem ser observados cuidadosamente.

No decorrer da busca e consequente análise surgiram-nos mais dúvidas do que explicações que precisamos de ser encontradas por outras vias, nomeadamente o estudo do tecido social da comunidade castreja. Basta ter em conta que a realização dos recenseamentos coincide com a presença dos brandejeiros nas inverneiras e por isso os censos, ao referirem a população de facto ou população presente, deviam indicar os lugares fixos e as inverneiras, como aliás é notório no Censo de 1911. Ao contrário quando se utilizasse o conceito de população legal ou população residente, deveriam aparecer os lugares fixos e as brandas, por constituírem os locais onde a população reside a maior parte do ano. Ficava ainda por resolver o problema do inventário do número de fogos ou alojamentos familiares. Das consultas que fizemos ficou-nos a impressão que a metodologia censitária não contemplava esta particularidade crasteja, que foi encarada através da utilização ambígua, e sem qualquer explicação, dos dois conceitos, provocando dúvidas quanto aos números indicados.

Assim as considerações que a seguir fazemos, resultantes da compilação de dados, são orientadas no sentido de fornecer vias de estudo e não de tirar conclusões, que tentaremos esboçar oportunamente.

Mas Castro Laboreiro dispõe hoje de uma pleiade de elementos, espalhados um pouco por todo o lado, com habilitações em vários domínios e capacidade para abordarem aspectos da cultura crasteja. É altura de saírem da indiferença e comodismo, disponibilizando algumas das suas capacidades para o estudo das próprias origens!

### 1- Estabilidade (1864 -- 1960)

A nível geral a população de Castro Laboreiro, segundo elementos fornecidos pelos censos eclesiásticos, terá evoluído de 1.412 pessoas, em 1758, para 1.840 em 1845.

No primeiro recenseamento geral da população realizado no País em 1864, pelo Estado, foram registados 2.092 habitantes. No recenseamento de 1878 a população era de 1.998 pessoas e em 1890 atingia os 2.145 habitantes enquanto em 1900 era de 2.175. Relativamente a este período os censos referem a população legal, ou seja com residência declarada na Freguesia, e a população de facto, presente na altura do recenseamento, que hoje se designam por população residente e população presente, respectivamente.



A data de realização dos censos começou por ser o dia 1 de Dezembro e posteriormente o dia 1 de Janeiro dos anos terminados em 0, sendo portanto decenais, situação que se tem mantido, embora desde 1981 sejam efectuados nos anos terminados em 1, por Convenção Internacional sobre a matéria.

Nos censos de 1864 a 1900 pode-se observar a referência a um número elevado de homens ausentes na altura dos censos que rondava os 100 e que em 1890 atingia os 524. Eventualmente estas ausências poderão estar ligadas à emigração sazonal que ia do final do Outono ao princípio da Primavera. Relativamente à distribuição por sexos encontramos uma primeira referência em 1825 em que a percentagem de homens é ligeiramente superior à das mulheres. Esse valor é confirmado no censo de 1864. A partir daí a tendência inverte-se e o número de mulheres ultrapassa definitivamente o dos homens. Ainda neste período final do século XIX, podemos observar referências à elevada taxa de analfabetismo da população crasteja que em 1878 era de 81% nos homens e 90% nas mulheres.

Quanto ao número de fogos a primeira referência dos censos eclesiásticos é de 1527 indicando uma centena. Em 1706 são referidos 567 fogos, número mais elevado constante dos registos eclesiásticos, dado que a partir daí decresce até aos 318 em 1801, para voltar a aumentar chegando aos 535 no registo de 1845.

O censo oficial de 1864 regista 542 fogos e 14 anos depois, em 1878, são referidos 610 fogos, enquanto em 1900 não iam além de 462. Convém referir que estas variações não têm correspondência com as registadas ao nível da população, parecendo resultar da mudança de critérios na contagem face à própria definição de fogo utilizada na altura, e à dificuldade introduzida pela existência das brandas e inverneiras. Aliás só em 1940 é que os recenseamentos da população passam a incluir também o da habitação, oferecendo por isso maior credibilidade.



## Carnes & Peixes

JAIIME LÓPEZ

Venda Maior e Detalhe

## Abrijo Turístico de Montanha Moinhos do poço verde

Vila, Castro Laboreiro  
4960 Matagão  
Minda - Portugal

Telema.: 938708005/938855118  
Http://www.moinhosverdes.com  
E-mail:moinhosverdes@hotmail.com



Construção Civil

Ponte Pedrinha - Lomar  
Apartado 2321 - 4700 BRAGA  
Telef.: 251465329

Telef.: 0034 639 921 592 / 0034 699 399 388  
Terrachán-Entrinno-OURENSE

O número de habitantes registado no início do século XX, recenseamento de 1900, mostra-se concordante com o anterior e com a tendência para uma certa estabilidade da população crasteja à volta dos dois milhares de pessoas, que se iria manter até 1960. No entanto os números apresentados pelo censo de 1911 registavam como residentes 2.687 pessoas, correspondendo a um aumento da população de cerca de 21%, em relação aos 2.145 elementos registados no censo de 1900. A única explicação apontada para este aumento da população, cujo acréscimo nas restantes freguesias do Concelho, no mesmo período, foi de escassos 2%, é a perturbação política e económica que grassava no País, devido à queda do regime monárquico, que naturalmente atingia os destinos nacionais da emigração sazonal crasteja. O próprio recenseamento, previsto para 1910, não escapou à instabilidade reinante e teve de ser adiado um ano. Na altura da sua efectivação estavam presentes 34 elementos não residentes e ausentes 87 crastejos, eventualmente envolvidos na emigração tradicional.

No censo de 1920 consta o registo de 1.919 residentes, situando-se em valores próximos da média do período de 1864 a 1960. De facto em 1940 havia 1.975 residentes, em 1950 eram 1.944 e em 1960 o número de habitantes era de 1.941.

A partir desta data a frieza dos números passa a reflectir o fenómeno da emigração maciça para França e a saída posterior dos mais jovens por motivo de estudos.

No período de 1900 a 1960 os censos continuam a demonstrar a predominância da população feminina com um valor máximo de 137 mulheres por cada 100 homens em 1911 e uma relação média, durante o período, de 120 mulheres por cada 100 homens.

Por outro lado a partir de 1930 notam-se melhorias sensíveis dos números referentes ao analfabetismo, que em 1950 registava taxas de 28% para os homens e 57% para as mulheres.

No que se refere ao número de fogos continuam a verificar-se grandes variações decenais. Assim de 462 em 1900 atinge os 751 em 1911, descendo para 444 em 1920 e para 440 em 1930. Em 1940 é realizado o primeiro recenseamento geral da habitação, em simultâneo com o da população e o número obtido foi de 821. Aliás este número encontra algum paralelismo com o registado em 1911, altura em que pela primeira vez aparecem descritos os lugares. O valor mais elevado é registado no censo de 1960 com 1.148 alojamentos, conceito que tinha sido introduzido para substituir o de fogo. As variações dos valores, incluindo as brandas e inverneiras, em nosso entender só encontram justificação nos motivos já referidos, ou seja a dificuldade em compreenderem o fenómeno brandas-inverneiras, e as diferenças de metodologia dos vários censos, acabando por misturar o conceito de residente e presente.

**2 - Declínio (1970-2001)**

A partir de 1970 os censos reflectem a diminuição drástica da população, pelos motivos já apontados. Assim em 1970 o número de habitantes desce para 1.560 e em 1981 para 1.092, representando uma diminuição de 44% da população. Este decréscimo iria continuar e em 1991 o número de habitantes era de 867 e no último recenseamento em 2001 havia apenas 726 residentes em Castro Laboreiro, ou seja 37% dos registados em 1960.

Origem	Fogos		Habitantes	
	Nº	Total	H	M
<b>1 - Censos Edisiásticos</b>				
1527	100			
1706	567			
1758	492			
1801	318	1.364		
1825	335	1.246	644	602
1878	350	1.500		
1845	535	1.840		
<b>2 - Censos do Estado</b>		<b>Residentes (HM)</b>	<b>Presentes</b>	
			H	M
1864	542	2.099	1.066	1.026
1878	610	1.998	890	1.108
1890	468	2.145	946	1.119
1900	462	2.175	946	1.127
1911	751	2.687	1.98	1.509
1920	444	1.951	895	1.024
1930	440	1.918	859	1.089
1940	821	1.975	931	1.044
1950	-	1.944	901	1.043
1960	1.148	1.941	890	1.051
1970	729	1.560	645	900
1981	589	1.092	432	660
1991	634	867	303	530
2001	817	726	274	430

Esta diminuição brutal da população foi ainda mais grave nos elementos do sexo masculino cujo número passou de 890 em 1960 para 274 em 2001, ou seja uma diminuição de 70%!

Como resultado desta evolução a relação média passou a ser, nos últimos trinta anos, de 143 mulheres por cada 100 homens. Em 2001 esse valor era de 157 mulheres para 100 homens.

Quanto ao número de fogos passou de 1.148 em 1960 para 729 em 1970 e em 2001 foram inventariados 821.

Em conclusão podemos afirmar que apesar das várias deficiências e omissões os censos transmitem uma ideia da evolução geral da população crasteja nos últimos 150 anos, permitindo-nos identificar dois períodos distintos. Com efeito durante quase um século, ou seja de 1864 a 1960, registou-se uma estabilidade na evolução populacional, situando-se em valores entre as 1.950 e as 2.150 pessoas. A partir de 1960 iniciou-se um período de recessão que provocou uma diminuição de 67% da população.

**3 - A Desertificação dos Lugares**

Apesar de existirem algumas referências avulsas da população de lugares como a Vila e Várzea Travessa anteriores, o facto é que o primeiro levantamento credível consta do censo de 1911. São referenciados 25 lugares. Como o conceito utilizado foi o de população presente, aparecem mencionados os lugares fixos e as inverneiras onde, na altura, estariam os brandeips. O Lugar das Coriscadas não é referido pelo que, eventualmente, foi considerado como uma branda inverneira seria o Cobêlo, onde estão enumerados 16 fogos e 76 habitantes, que na referência seguinte, trinta anos mais tarde, no censo de 1940, deixa de aparecer.

Ainda em 1911 os lugares do Ribeiro aparecem como um único agregado populacional com 62 fogos e 290 habitantes, constituindo o núcleo mais populoso. Individualmente o Barreiro com 72 fogos e 221 habitantes é o lugar com mais habitantes, seguido da Vila com 181 e das Caihneiras e Curveira com 171 cada e do Bico com 162 pessoas.

Em 1940 são registados igualmente 24 lugares, considerando as brandas como local de residência habitual dos brandeips pelo que embora na altura do recenseamento a grande maioria deles estivesse nas inverneiras, são referenciados como presentes nas brandas! Na listagem desaparece o lugar do Cobêlo e Picotim continua a constar mas sem população fixa. Entre os lugares aparece o das Coriscadas, perfazendo 7 agregados fixos com população, 6 brandas da margem direita do Rio e 9 na margem esquerda e a inverneira da Mejoira com 6 pessoas presentes.

Dentre os lugares fixos o da Vila e do Ribeiro de Baixo registavam uma população de 157 pessoas cada enquanto o de Várzea Travessa, com 151, ocupava a terceira posição.

No total os lugares fixos somavam 849 pessoas, contra as 895 em 1911.

Por seu lado as 6 brandas da margem direita apenas registavam a presença de 443 pessoas. O lugar mais povoado era o do Rodeiro com 147 pessoas.

As 9 brandas do Pedroso registavam um total de 677 pessoas, sobressaindo o lugar da Seara com 150 e o de Campelo com 119.

Vinte anos mais tarde, no censo de 1960, aparecem referenciados 6 novos aglomerados populacionais, num total de 130 fogos e 211 habitantes. Dois deles resultam claramente da individualização do núcleo de casas do Sodreiro e Pousinhos do Ribeiro de Cima. Como estranhamente a população dos Ribeiros regista uma diminuição sensível em 1960 a origem dos "lugares" parece residir nesta fragmentação que no censo de 1970 desaparece e a população dos dois lugares volta a subir, contrariando a tendência geral.

Esta nova metodologia do censo, que além do mais utiliza o critério de população residente, não permite uma comparação válida dos elementos referentes aos lugares fixos dos Ribeiros, no período em causa, pelo que terá de ser retomada com base nos indicadores do censo de 1970.

Nos restantes lugares fixos Portelinha, com 152 residentes, passa a ocupar o 2º lugar depois da Vila com 154, seguidos de Várzea Travessa com 140. No total residiam nos lugares fixos 742 pessoas.

**(Continuação na Página 10 e 11)**

passado presente futuro



## O RIO por António “Bernardo”

São duas as fontes do Laboreiro, a Corga do Virgeiro ea Corga do Porto dos Bois, que juntando -se no Porto Areado, dão o nome ao rio Castro Laboreiro.

Nascem as duas corgas no extenso planalto que domina o norte da freguesia, e cuja altitude varia entre os mil e duzentos e os mil e trezentos metros.

Desde Portelinha a noroeste, desenha o planalto um pequeno e irregular arco de circo desviando -se suavemente, primeiro para norte, recurvando -se depois para leste, até à Pena da Anamão, que com os seus mil e trezentos metros de altitude, marca o fim do planalto, e é um lugar de referência da freguesia.

Desde Portelinha a noroeste, até ao alto do Pedroso a noroeste, pode mediar uma distância de mais ou menos três léguas.

Foi, o planalto na antiguidade, um centro geo – económico e cultural muito importante desta antiquíssima povoação, como o atestam os inúmeros monumentos megalíticos, dolmens ou antas, pinturas rupestres, hieróglifos, muitos destes ainda sem chave decodificadora, mas indubitavelmente de carácter sagrado.

É o planalto, como que dominado pela estranha figura de uma mulher deitada, cuja cabeça repousaria na Pena da Anamão, com os seus cabelos caídos para o vale o peito generoso formado pelo Alto do Pedroso, e por um longo manto que lhe cobria o ventre fecundo, formado pelo Alto do Minério, e as longas pernas dissimuladas no extenso planalto.

Esta figura simbólica de mulher, avistada de quase todos os pontos do planalto, preside à multiplicidade dos monumentos megalíticos, como dando - lhe uma inspiração mística, inspirada em antigos cultos célticos: a Mãe Terra, a Deusa da Fertilidade.

Enfim, ao contemplar o planalto, toda a sua monumentalidade mística e histórica, somos assaltados por uma estranha impressão de espiritualidade, como que uma evocação de santuário.

O braço mais extenso do rio, a Corga do Virgeiro, nasce numa encosta junto à Galiza, a algumas centena de metros a norte do monte do Talele, que com os seus mil e trezentos metros de altitude, é um dos pontos mais altos do planalto.

Daqui se enviam outrora sinais de fumo durante o dia, luminosos à noite, para o castelo da vila, visíveis também à noite do longínquo castelo da Póvoa de Lanhoso, um alerta, quando o inimigo, castelhana ou leonês, se aventurava a invadir o reino por estas paragens.

Corre a Corga do Virgeiro para ocidente, durante três a quatro quilómetros, por entre ervas urzes carquejas e giestas, até ao Porto Areado, aí se dando a confluência com a Corga do Porto dos Bois, tomando então o rio o nome de Castro Laboreiro.

Tem este pequeno vale, uma configuração em « U », muito aberto, devido à sua formação glacial, quando os gelos da última glaciação Würm 3, que há trinta mil anos entregelaram o norte da Europa, até à latitude do rio Loire em França, ou seja pelo paralelo 47, assim como gelou também os maciços montanhosos mais altos da Europa, com especial relevo, para os Pirinéus e Alpes. Foi esta glaciação, responsável pela extinção dos corpulentos e lendários mamutes, cujos fósseis tem aparecido abundantes na Sibéria.

Na eterna luta entre o fogo e o gelo, mais uma vez o sol ganhou, e o frio na sua retirada lenta para o Setentrão, deixou os glaciares fundirem-se, e arrastarem -se inexoravelmente dos pontos mais altos, cavando largos e extensos vales.

Esta enorme massa de gelo, que cobriu o planalto durante séculos, provocou extensos lençóis freáticos no subsolo, cujas cavernas ainda hoje são depósitos de armazenamento das águas pluviais, fazendo brotar olheiros por encostas e vales, servindo de fonte a variadas corgas de um e outro lado da raia, origem de tantos rios.

Quando em fins de Maio, o calor da Primavera vem aquecer estas paragens, o Vale do Virgeiro e as encostas confinantes, revestem -se do mais luxuriante e variado manto de cores, com que a natureza engalanada vem apresentar o olhar do feliz observador.

São as urzes vestidas de roxo, o lílas das carquejas, o amarelo dos tojos e das giestas, as miriades de flores selvagens que na sua multiplicidade de nuances e tonalidades, nos vem cortar a respiração de espanto, e nos reconciliam com a Vida e o Belo.

A Corga do Porto dos Bois, o outro braço do rio, nasce a norte junto à raia, por uns mil e duzentos metros de altitude, e é por sua vez composto por dois pequenos riachos; a origem do que se apresenta pela direita tem a sua fonte no Vale das Antas, e aponta na direcção dos cotos de Penagache, já na Galiza, a menos de um quilómetro sobre a esquerda, que segundo Herculano teriam visto passar as hostes leonesas, quando do Torneio dos Arcos de Valdevez, no ano longínquo de 1139.

Mas citemos Herculano « ao longo da corrente do Lima, pela sua margem direita, as montanhas de Penagache na Galiza, internam -se em Portugal e vem formar os altos pendores do Soajo, sob as altíssimas chapadas da Peneda, cujos agrestes habitantes são ainda hoje dos que mais tenazmente conservam as tradições e usanças dos antigos tempos. ... o imperador descia destes selváticos desvios dirigindo -se às margens do Lima » .....

Esta pequena corga desliza pela encosta ligeiramente inclinada para sul, confluindo com a sua congénere da esquerda, para formar a Corga do Porto dos Bois.

O pequeno riacho da esquerda, nasce também junto à raia, na chamada < Lama Redonda > mesmo de frente da Mota Grande. ( motas e mamoaas ) são também denominações autóctones das antas ou dolmens.

A Mota Grande, outrora situada na linha da raia, em razão dos sucessivos alinhamentos da fronteira, celebrados com lautos almoços entre as autoridades de cá e de lá, encontra –se agora na Galiza, a uns cem metros para lá da raia, e é o maior monumento do género entre a centena existente no planalto.

Esta abundância de túmulos, a maior da Península Ibérica fazem do planalto uma autêntica necrópole, o que levanta algumas questões sem resposta racional.

Como é possível, aqui, no meio de nada, aparecer uma tão grande profusão de monumentos funerários que em princípio são túmulos individuais próprios dos chefes? Porque tantas pessoas importantes concentradas num lugar de tão escassa demografia? Ou qual a razão par virem de tão



Junta das corgas  
Virgeiro e Porto dos Bois

longe, aí serem sepultadas?

Qual terá sido o critério da escolha?

Não temos uma resposta satisfatória para este caso tão invulgar. Terá sido a Fé? Algum culto religioso o motor que pôs em marcha os recursos económicos, parcos de certeza nessa época remota, que disponibilizou as energias necessárias para vencer tantos obstáculos?

Pensamos que só a fé, só a atracção de santuário que estes montes possam ter exercido nesses tempos remotos, podem explicar aquilo, que neste momento nos parece tão estranho e irracional.

A Mota Grande foi violada, aberta sem qualquer critério científico, mantida assim durante longos meses à mercê dos elementos, que nestas paragens são inclementes e rigorosos. Esta estultícia dos nossos amigos galogos, só é comparável aquela do princípio do século, quando alguns castrejos, livro de São Cipriano em punho, desataram a destruir algumas antas, na esperança vã de aí encontrar fabulosos tesouros. No III Congresso de História e Cultura Local, realizado no lugar da Vila em 2004, na sua intervenção o investigador e arqueólogo Doutor Martinho Baptista apresentou uma imagem ou figura que classificou de idóliciforme e como a mais representativa do megalitismo ibérico, trabalhada no fundo de um esteio do dolmen, face a Oriente, o que atesta da inteligência e do sentido artístico do construtor no levantamento deste monumento.

Sai portanto a corginha da proximidade deste monumento, na dita Lama Redonda, corre pelo declive ligeiramente inclinado para Sul, por entre abundante verdura e mato rasteiro, até se juntar à sua congénere da direita, formando a Corga do Porto dos Bois, a caminho do Porto Areado.

A meio caminho entre o Porto dos Bois e o Porto Areado, encontra -se um estranho sítio: ... a «Cruz do Galego ».

Neste lugar perdido, no meio destes montes selváticos e tenebrosos, aparece o maior símbolo cristão, juntando-se a tantos outros símbolos religiosos, muito mais antigos, mas testemunhando já, o mesmo espírito de « procura » a mesma inquietação com que o homem desde a noite dos tempos, procurou ler os sinais deixados pelo sopro do Criador na alma humana.

A cruz, marcando o lugar onde um homem morreu de arrefecimento, no frio e na neve, a cruz já desapareceu. Derrubada pelas intempéries coberta pelo mato abundante, ou esquecida da mão caridosa que com este símbolo de salvação quis testemunhar este drama al vivo: « um homem deixou de ser »

Fico absorto e pensativo; a cruz, cuja religião até aos nossos dias promoveu culturas insignes, afirmou civilizações notáveis, cimentou impérios, mas nem por isso resolveu os problemas postos à espiritualidade do homem, os seus medos as suas inquietações.

(Continua na página seguinte)

Como teria morrido o galego? A morte física, foi certamente agradável, eivada de um doce torpor, causado pelo calor concentrado no interior do corpo, enquanto o exterior deste, anestesiado pelo frio se tornava indolor e insensível. O arrefecimento na neve, é sabido, provoca uma euforia agradável e fatal.

E espiritualmente? Como teria morrido o galego? Como um bicho? Como um animal menor, abandonado no chão húmido e frio, sem Esperança, no meio destes vastos montes outrora iluminados por uma religião arcaica e pagã?

Ou teria morrido como um homem como um crente, socorrido por alguma religião que lhe franqueou as portas da Esperança?

A notável e monumental pintura de Miguel Angelo a « CRIAÇÃO do HOMEM » na Capela Sistina, é em toda a sua genialidade a preminência possível da verdadeira relação Homem \ Criador. A majestade expressa pelo Criador, num plano ligeiramente superior ao homem, a aceitação da divindade e majestade deste mas também a grande dignidade e confiança com que o olhar do homem se cruza tranquilo, frontal e directo com o seu Deus, merecem respeitosa meditação.

Quem sabe se o nosso moribundo não teve aqui o seu « Caminho de Damasco » a revelação, num momento de plena consciência, em que estes montes se iluminaram com uma luz mais brilhante e mais intensa que mil sóis, ao ver o Espírito do Criador abrir -lhe de par em par, as Portas da Eternidade.

A partir do Porto Areado, o rio começa a cavar o profundo vale de ribas altíssimas, que o vão acompanhar em quase todo o seu percurso de dezenas de quilómetros, até ao rio Lima.

O rio e a sua bacia hidrográfica, são quase totalmente castrejos. Desde o Alto do Mineiro até Portelinha, desde Carrins até ao Peito do Lagarto, da Pegureirinha às Fechas do Malho, todas estas altíssimas chapadas vertem águas para o Laboreiro, às quais se juntam o rio da Penada, o rio Pomba, e a caudalosa torrente de Rouças da Gaveira, cuja confluência na Mistura das Águas, vem engrossar o Laboreiro já perto do rio Lima, sendo hoje o principal tributário da barragem do alto Lindoso.

Ao sair do planalto, começa o rio a receber inúmeros afluentes, que o vão enriquecendo à medida que vai descendo para sul, dividindo a freguesia longitudinalmente em duas regiões, à direita os Gorriões, à esquerda os Camarros.

Esta divisão, perfeitamente artificial, não tem a mais pequena razão séria de existir, nem étnica nem sociológica, nem mesmo cultural, talvez apenas a existência de algumas tricas e rivalidades, em função de atrasos de desenvolvimento, venham alimentar o diálogo entre ambos; os camarros mais conservadores dos antigos usos e costumes; mais abertos aos novos ventos da modernidade os gorriões; mais tenazes e autênticos aqueles, mais brandos e cultos estes.

Tudo isto serviu sempre para espervitar sãs rivalidades, e molivos de chacota entre ambos, sendo o casamento frequente entre famílias de margens opostas, cimentando assim os laços de amizade, desta autêntica comunidade.

O rio Laboreiro é um autêntico rio de média montanha, pois não há neves persistentes, portanto de fraco caudal no Verão, abundante no Inverno.

A partir de Junho, findas as chuvas da Primavera, vai o rio emagrecendo, tornando -se nos meses de Agosto e Setembro num autêntico fio de água, que passa murmurando entre salgueiros, videiros, buxos choupos e amieiros, saudoso dos tempos inverniais, em que rico e vigoroso destrua tudo à sua passagem.

Quando em Novembro e Dezembro a < zobra > fustiga os altos cabeços das fragas, quando o céu desaba sobre a montanha com bátegas de água que confundem céu e terra, as inúmeras corgas transbordam, conver-tendo os campos em lagos; as encostas da serra enfeitam -se de centenas de fios de prata, que galgam as ladeiras como serpentes enfuracidas.

Agora o rio, rico de cabedais, salta precipícios, embate com fragor nas paredes graníticas que o aprisionam, fica branco de espuma e de raiva, desfaz - se em milhões de fios nos profundos poços e caldeiras, rugindo à noite com estrépido, num incessante ruído.

Corre o rio vertiginoso e hipnótico procurando as veigas onde tenha algum descanso para preparar novas quedas, novos precipícios, até fundir -se no Lima, demandando agora já tranquilo o mar oceano.

O primeiro lugar ao sair do planalto, é o Rodeiro; lugar farto, possuidor de férteis prados, e reses magníficas, vacas ovelhas e cabras, usufrutuário do planalto, e das suas esplêndidas e ricas pastagens. A caça grossa, corsos e javalis, lobos e raposas, mas também lebres coelhos e a perdiz vermelha, caça outra privilégio da Corte e fielmente guardada pelos Monteiros do rei, eram at há pouco tempo abundantes nestas regiões, com reais possibilidades de exploração turística. Há hoje aqui um magnífico funeiro, produzindo saborosos enchidos, e o lendário presunço de Castro Laboreiro

No Rodeiro se encontra a primeira ponte medieval, de estilo românico, a primeira de tantas que salvam o rio e seus afluentes, sentinelas presentes de outros tempos de outras economias. Diz-se que era do Rodeiro, o homem, Pedro Monteiro, que nos fins do século dezanove ousou dar voz de prisão, ao célebre bandido Tomas das Quingostas.

Estamos já a passar diante do Outeiro, alcantilado lá no alto da Ingreme < Ladeira > povoação de gente forte e honrada, que vive à sombra do Coto, penhasco granítico que, qual falo gigantesco, bem erecto desafiando o céu, faria enrubescer de inveja, aqueles de Carnac, na sua potência e atrevimento, símbolo do eterno e cósmico poder, do masculino procriador, aqui começa uma extensa planície com os seus magníficos barbeiros de centeio, que passando pela Adofreire, se estende até Formigueiro, no sopé do planalto, e da abundância que este proporcionava. A pastorícia foi durante séculos a fonte de receita que proporcionou alguma liquidez a estas gentes da montanha.

Alí vem as Fatigueiras e as Coriscadas, penduradas na altíssima riba da margem direita do rio, habitadas por homens que foram referências, e onde se encontram hoje os mais imponentes e ricos chalets da freguesia.

Aproxima -se a Vila, outrora cabeça de concelho, cabeça de região militar, com a sua magnífica igreja matriz de arcos de volta inteira, a torre e o sino grande cuja pancada forte e poderosa se ouvia nos mais escosnos e recônditos lugares da freguesia, quando tocando a rebate apelava à solidariedade dos castrejos, em caso de incêndio ou desgraça grave, a sua antiquíssima pia baptismal, que segundo o saudoso Padre Anibal, seria visigótica.

O altaneiro castelo dado por São Rosendo, melhorado e reconstruído depois ao longo dos séculos, esse ilustre filho de Santo Tirso, que nas terras da Limia, Entrimo, Celanova e outras onde era Bispo, tantos monumentos deixou, a perpetuar a sua memória.

O rio é aqui atravessado por uma antiquíssima e esplêndida ponte: a Ponte Velha, dada a conhecer a Portugal inteiro por Manoel de Oliveira, no filme < Viagem ao Princípio do Mundo > e agora quadro para tantos turistas se fazer fotografar.

Aqui o rio começa uma das suas descidas vertiginosas, apertado entre ribas graníticas e escarpadas, despenhando -se em profundos pegos, referendo nas caldeiras, e preparando -se para rui no próximo desfiladeiro.

A beleza do quadro é de tal maneira avassaladora, que numa manhã de Junho de 1962, fez dizer a Jorge Brum do Canto, emérito cineasta, e lendário pescador de truta, « que prodigiosa beleza! terei de aqui fazer um filme ». Em 1962, portanto dez anos depois, Brum do Canto cumpria a sua promessa: a rodagem da « Cruz de Ferro começava.

Brum do Canto era um exímio pescador de truta, um pescador moderno, equipado com os últimos e mais



Ponte Pedrinha ou Ponte Velha



recentes apetrechos da arte; foi a primeira vez, que Castro viu uma autêntica cana de bambú, a primeira vez que as trutas do Laboreiro viram passar nas suas águas uma colher ou amostrador de metal, e as tolinhas para meu grande espanto, deixaram -se enganar. No primeiro lançamento, quando a colher chegou à corrente, uma bela truta agarrou, e lá vem ela a saltar e a estrebuchar cá para fora.

Foi a primeira vez que eu vi alguém trazer um criado para transportar as canas e armar os iscos; Brum do Canto era a meus olhos ingénuos de adolescente aldeão um autêntico fidalgo.

Mas na arte de pescar, o Brum do Canto encontrou aqui, em Castro, senão o seu mestre, pelo menos o seu « Par », o seu igual.

Que magníficos duelos esses dois homens travaram por esse rio foral! O castrejo era o saudoso tio Zé Covêlo, homem ágil, com grande sabedoria da vida, parecia dar -nos a nós crianças, uma atenção de gente grande, dava -nos úteis conselhos na arte de bem se esconder, de bem lançar, era o pescador menos egoísta do rio, um autêntico mestre e cavalheiro. Homem de grande sensibilidade, conheceu - lo foi um grande privilegiado.

Como pescadores, o tio Zé Covêlo e o Brum do Canto equívalem -se, chegavam um para o outro como soi dizer -se por estas bandas. Era um regalo ver, como se confundiam com o rio, como eles pareciam tornar - se árvores plantadas nas margens, como pareciam deixar de existir para serem água para serem corrente, para serem trutas, faziam uma autêntica simbiose com a natureza. Estes homens plantados à beira do rio, eram estátuas de bronze ali esculpidas.

Só o olhar se iluminava da mesma luz, quando alguma truta se deixava apanhar, e de um gesto suave, saltava da corrente do rio para as suas mãos hábeis.

Eram dois grandes pescadores.

(Continua na página seguinte)



## O Rio (Continuação)

Ao passar na Ponte Velha, o rio desce no seu leito de rochas cavado ao longo de milhões de anos, entalhado por duas paredes graníticas deveras impressionante: a margem direita é um muro vertical, com algumas dezenas de metros de altura que entesita no poço das andorinhas com um monte abrupto, onde Jorge Brum do Canto, plantou o cenário da «Cruz de Ferro». A margem esquerda, ainda que totalmente granítica, permitiu a existência de um carreiro que dá serventia aos moinhos, que nos bons dias de Inverno e Primavera, moíam o centeio recolhido no Verão anterior.

Alguns destes moinhos eram de maquia, isto é: o moleiro cobrava uma determinada percentagem de farinha por cada fole moído; mas era frequente cada família possuía o seu próprio moinho.

É na margem direita do rio, junto ao poço das Andorinhas, que se encontra a Buraca da Moura. A geração nascida nos anos quaranta, deve ter sido a última, cujas lendas e contos fantásticos, que direitos da Idade Média vinham preencher os longos serões de Inverno, quando à lareira, as nossas avós nos diziam

contos de fadas, das mil e uma noites, ou mouras encantadas; também nas cardadas, enquanto os moços tentavam debalde e furtivamente apalpar as tetas às moças, as velhinhas, nos contavam outras histórias de estarrecer.

Eram realmente muito atrevidos os rapazes e pecaminosamente cúmplices as raparigas, com os seus sorrisos de virgens ofendidas, quando alguma mão marota ia longe demais na sua exploração. Enquanto estas cenas mudas se passavam, de-



baixo do olhar austero e pouco complacente das Idosas, estas cardando a lá, nos iam dizendo contos de horripilar, sobre estântegas, acompanhamentos, (como eram lugubres e silenciosos estes enteros fantásticos que passavam pela calada

da noite nas encruzilhadas!) Contos de bruxas más, zângãos, diabos montados em cavalos sem cabeça, e tantos outros saídos do imaginário colectivo da cultura celta, muito rica nestas extravagâncias.

Nesse tempo a Internet estava ainda nas potencialidades de um porvir incerto, e a televisão era um conceito de que alguns já ouviam vagamente falar, mas cuja técnica incipiente dava os primeiros passos, lá para as Américas; assim nós, crianças destas montanhas, ouvíamos aterrorizadas estes contos que nos perseguiram até à cama, onde entre lençóis, cabeça bem escondida, nos faziam tremer ainda de emoção e de medo.



### FUMIGIO TÍPICO E TRADICIONAL

Tim 93 88 88 922  
Roberto Rodrigues

#### Rodeiro

4960- Castro Laboreiro  
Telf.: 251 465 513  
/Fax.) 251 465 683

**Sede da Junta de Freguesia de Castro Laboreiro**  
Telf.: 251 465 695

**Sede da Junta de Freguesia de Lamas de Moura**  
Telf.: 251 465 616

**Câmara Municipal de Melgajo**  
Telf.: 251 410 100

**Bombelros Voluntários**  
Telf.: 251 402 590

**G.N.R.**  
Telf.: 251 402 346

**Centro de Saúde de Melgajo**  
Telf.: 251 402 337

**Centro de Saúde de Castro Laboreiro**  
Telf.: 251 465 695

## Pedido de desculpa à família Costa da Vila, mais precisamente ao saudoso Álvaro e ao Fernando.

Recebi uma carta digna (que não pudesse por não ter autorização) do Fernando Costa da Vila, "zangado" e arreliado connosco e com toda a razão deste mundo, por termos trocado no jornal o nome dele e do seu falecido irmão, Fernando. O Armandino Mugas foi um erro imperdoável. O Armandino Mugas nos apontamentos dele tinha: "Costa da Vila" e eu numa noite com a pressa de mandar isto para a gráfica escrevi o teu nome erradamente.

Apercebi-me logo que saiu o jornal, mas já era tarde. Por isso, aqui ficam as minhas desculpa públicas à tua família e principalmente ao teu irmão, colegas de algumas tropelias próprias da nossa juventude. Sei também que ficaram duas pessoas falecidas por enumerar. No futuro só publicaremos as listas dos falecidos se elas vierem oficialmente do padre, com nome completo. Com toda a certeza, terei oportunidade de pessoalmente reparar o meu erro. Atenciosamente,

**Américo Rodrigues do Outeiro**

Mas vamos à « Moura Encantada » cuja entrada circular, lisinha que nem por cinzel de artista, se encontra a alguns metros de altura do rio, perfeitamente inacessível junto ao Pogo das Andorinhas.

Diz a lenda, que uma donzela linda como os amores, aí estava prisioneira; o seu palácio tinha duas entradas, esta já citada, e a outra que saía no vale do Porto Seco a uns bons dois quilómetros a Ocidente, no lugar dito < Buraca da Moura >

Diz a lenda, que esta lindíssima mulher, aí presa desde tempos imemoriais, se mantinha sempre jovem, até ser libertada por um jovem manco, que um dia a visse toda nua, a tomar o seu banho de leite, na banheira de pedra contigua à porta do rio na saída nascente; ou quando ela, coberta apenas pelos seus longos cabelos pretos, viesse por uma manhã de Maio, contar o seu ouro estendido ao sol com outros brilhantes e pedras preciosas, na enorme e maciça pedra inclinada para Sul, na porta do Porto Seco. É claro que a moura só apareceria se o homem fosse do seu agrado, o que complicava, e de que maneira, a questão.

Todas as lendas, mesmo a da Moura Encantada, tem a sua moral e o seu interesse. Quantas vezes, nas nossas caminhadas à pesca da truta, ao chegar às Andorinhas, enfrente da porta escura e impenetrável, sentados na longa laje granítica que lhe faz face, quantas vezes a imaginação ardente da nossa adolescência, não viu a bela moura sair daquela porta misteriosa, esbelta e graciosa no esplendor da sua eterna juventude, os seus longos cabelos, pretos mal escondendo os seus seios virginais, o corpo esbello e moreno aureolado pela luz diáfana de uma manhã primaveril, pelo sonho e pela imaginação, saltitar com os seus pés gráteis, para a bacia de pedra, cavada e emoldurada pelo rio ao longo dos milénios...

Quantas vezes, muito mais tarde, a lição apreendida nos nossos sonhos da adolescência, não beneficiou outras mouras, de outras latitudes, dando ao enleio dimensão mágica, e a emoção de outora.

**António "Bernardo"**

## Rebanhos do Alvão e Marão guardados pelo «Castro Laboreiro»

### Cento e trinta cães já foram entregues a pastores

Um projecto, liderado pelo Grupo «Lobo» e Parque Natural do Alvão, PNA, está a incentivar a utilização do cão da raça «Castro Laboreiro», por parte dos pastores das Serras do Alvão, Marão e Padrala, tendo em vista a defesa dos seus rebanhos dos ataques dos lobos. Inicialiva, denominada "Novas Soluções para o Controlo da Predação nos Animais", já fez com que 130 cães fossem entregues aos pastores dos concelhos de Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Mondim de Basto e Ribeira de Pena.

É o regresso deste meio tradicional de protecção ao gado que estava a ficar em desuso no pastoreio de Trás-os-Montes. Para o futuro, e para dar seguimento a este projecto, já foi apresentado ao programa comunitário - LIFE NATUREZA, um novo projecto que terá a duração de quatro anos, e conta igualmente com a participação do Parque Natural do Alvão.

Atenuar os prejuízos que as espécies provocam, sem fazer perigiar a sua conservação

O Nosso Jornal abordou esta iniciativa inédita na região com o director do PNA, Henrique Pereira:

"A conservação do lobo depende das espécies domésticas, uma realidade constatada em crescendo desde há alguns anos para cá. Ao longo dos tempos, tem-se vindo a tentar em Portugal, criar um conjunto de soluções, que permitam atenuar os prejuízos que as espécies provocam, sem contudo fazer perigiar a sua conservação.

Neste processo de experiência, foi então possível ao Parque Natural do Alvão integrar um projecto desenvolvido pelo Grupo "Lobo" e pela Faculdade de Ciências de Lisboa, e foi apurado neste tipo de trabalho testar um conjunto de novas soluções, no sentido de atenuar o valor dos prejuízos causados pelo lobo e ao mesmo tempo salvaguardar a espécie, é este o grande desígnio desta acção". "É bom que se lembre o facto da pastorícia de outrora possuir muitos cães com alguma coruplência e eficiência, desenhados ao controlo dos ataques aos rebanhos, mas ao longo dos anos, isto foi-se alterando e constatando que uma grande maioria das pessoas que tem animais em regime de pastoreio, não tinha cães especificamente treinados para este tipo de função. Foi então feita uma candidatura ao Programa AGRO que termina agora em 2004, e onde participaram a Faculdade de Ciências de Lisboa, com a

colaboração da Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes, DRATM e o PNA". Segundo este responsável, a participação do PNA, neste projecto "visa, fornecer um conjunto de dados, que permitam detectar as zonas de maior sensibilidade de ataques. Ou seja, os locais onde o lobo incide a sua acção".

Procedimentos do pastor, em relação ao cão

Além de contribuir no apoio e selecção dos pastores que a partir de determinado momento possam ter os cães que o grupo "Lobo" dentro do Projecto Agro lhes poderá fornecer. O pastor terá de cumprir alguns procedimentos com o cão, conforme nos disse, Henrique Pereira. "O animal é do rebanho e não do pastor. Tem que pernoitar com o próprio rebanho, aliás a sua função é viver com o mesmo. Nos casos em que se nota uma domesticação do cão, ou seja, em que ele vai com o dono para casa e deixa o rebanho, o



Castro Laboreiro pode ser retirado e colocado num outro pastor. O cão deve andar vinte e quatro horas com o rebanho. Ele deve alimentar—se junto à corte. Dormir com o rebanho, tem de sair com ele e regressar também o gado. Esta raça é um bom defensor do rebanho e dá um sinal ao pastor que algo não está bem. Hoje o seu valor ronda os 400 euros. Já vem com "ship" e registo de raça". Este projecto leva três anos, como ele vai acabar este ano. O Grupo LOBO entendeu e com o apoio do PNA, juntar-se a outros países com as mesmas situações semelhantes (Itália, Polónia, e Países de Leste), e partir para um projecto, o "LIFE NATUREZA", que irá dar continuidade a acção em curso.

De acordo com Henrique Pereira, "já foram entregues cento e trinta e cinco cães cedidos pelo grupo "Lobo", sendo alvos de um acompanhamento técnico e veterinário, nos dois primeiros anos. Neste processo deram o seu apoio o hospital veterinário em Vila Real bem como as clínicas da UTAD. Os animais são entregues com cerca de dois/três meses. No momento os pastores assinam um contrato que se comprometem a ter o cão. Henrique Pereira aproveitou ainda para citar um aspecto importante e que preocupa os pastores: O papel do Estado na conservação e do pagamento dos prejuízos causados pelo Lobo Ibérico e a alteração das condições do seu "território".

Ambiente degradado não permite que o lobo se auto-sustente

"A partida uma das questões que está confiada ao Estado português é a preservação do lobo. E por outro lado temos associado a isto um património natural, bastante degradado que não permite que o lobo se auto-sustente das espécies selvagens. Por tal, ao longo das últimas décadas, o lobo tem vivido à custa dos animais domésticos. Nomeadamente, os pequenos ruminantes, ovelhas e cabras, alguns vitelos e vacas. perante esta situação o que está legislado é que o Estado tem de pagar os prejuízos causados por este animal. Neste caso, o Parque Natural do Alvão, utilizando fundos do Instituto de Conservação da Natureza, paga os prejuízos e seguindo uma tabela estipulada pelo Instituto de Garantia Agrícola. Muitas das vezes, os prejuízos têm alguma dimensão que afecta os pastores e agricultores" Segundo Henrique Pereira até 31 de Dezembro de 2003, os prejuízos estão pagos. E só neste ano, foram pagos 185 mil euros. Por ano, rondam os seiscentos casos de incidentes com lobos. O facto do Castro Laboreiro estar mais próximo do seu habitat natural, foi determinante para a adopção desta raça. Com isto conseguiu-se a reabilitação deste cão, "Vigoroso, nobre, de expressão severa, rústico mas sempre vigilante". O responsável pelo PNA, salientou ainda "que nem todos os prejuízos são provocados pelos lobos e os técnicos do Parque Natural do Alvão, sabem isto". As áreas, em que os pastores já receberam os cães, são as zonas do Alvão/Marão, Alvadia (Ribeira de Pena), e em Vila Pouca de Aguiar (Barra de Jales, Tresminas, Vreia de Jales). Quanto à eficácia dos cães na defesa dos rebanhos: "Em jeito de balanço, posso dizer que, ao longo dos três anos do projecto, os pastores estão, de uma maneira geral, contentes com a eficácia do cão. Com o "LIFE Natureza" esperamos que o projecto continue pelo menos mais quatro anos".

30 mil caprinos e ovinos, em quatro concelhos do distrito

Saliente-se que o projecto contempla, no primeiro ano de vida dos cães, o financiamento da sua alimentação. Acrescente-se ainda que o concelho de Vila Real tem duzentos produtores de ovinos e caprinos. E só nos quatro concelhos (Mondim de Basto, Vila Pouca de Aguiar (o maior com dez mil animais), Ribeira de Pena e Vila Real, existem ao todo mais 30 mil caprinos e ovinos. Por fim, o director do PNA deixa uma mensagem: "Em suma, o nosso envolvimento visa preservar o lobo mas é necessário continuar a estimular quem vive nas zonas de montanha. Não podemos esquecer aqueles que também têm lá a sua actividade económica".

O GRUPO LOBO, é uma associação não governamental, independente e sem fins lucrativos. Foi fundada em 1985 para trabalhar a favor da conservação do lobo e do seu ecossistema em Portugal. Actualmente conta com 1250 associados, nacionais e estrangeiros. Em relação ao LIFE - Natureza é um programa comunitário, destina-se a financiar projectos que visem a conservação dos habitats naturais e da fauna e flora selvagens da Comunidade e (apenas para os países candidatos) de interesse internacional, e em especial da rede europeia Natura 2000 criada pela Directiva 92/43/CEE do Conselho, de 21 de Maio de 1992. São elegíveis para o LIFE - Natureza, como os projectos de conservação da natureza que contribuem para manter ou restabelecer os habitats naturais e/ou as populações das diferentes espécies num estado de conservação favorável.

**Comentário à notícia: "Rebanhos do Alvão e Marão guardados pelo «Castro Laboreiro»/ Cento e trinta cães já foram entregues a pastores" noticiado no jornal - "A Voz de Trás-Montes".**

(José Manuel Cardoso Jornal - "A Voz de Trás-Montes")

Sou um apoiante incondicional de todos os projectos que visem a valorização e a preservação de tudo o que seja da minha terra. Este projecto não foge à regra. Além disto, se não fosse já suficiente, muito grande simpatia e respeito pelo trabalho feito em prol do lobo e do cão, tanto por elementos do grupo lobo como por pessoas do clube do cão. Considerando sempre que as notícias dos jornais nem sempre são exactas, tentei confirmar o nº de cães entregues aos pastores. Confirmaram-me (não oficialmente) que o número neste momento será mesmo de 130 cães de Castro Laboreiro.

Fiquei contente mas ao mesmo tempo descejo de saber mais dados oficiais. No entanto não deixo de fazer já algumas questões que me parecem pertinentes, que espero que num próximo número sejam desfeitas com respostas aprofundadas pelos responsáveis do projecto. Quais são os objectivos do projecto a médio e a longo prazo? Que dados existem quantificados neste momento? Os ataques do lobo diminuíram substancialmente? Qual o grau de satisfação dos pastores? etc.

Quem me conhece sabe que estou disposto a pagar 500, 1000 contos ou até mais, por algum animal igual a alguns que conheci noutros tempos ou 2 ou 3 que ainda conheço. Mas parece-me que não sou o único! A oferta é alta, é verdade, mas corro muitos poucos riscos. Eu sei com toda a certeza, infelizmente, que uma percentagem elevadíssima das ninhadas que nascem em todos os criadores conhecidos, tem uma qualidade baixa, de tal maneira, que afirmo sem qualquer problema, que 99 % dos cães que nascem, não os quero nem dados e como nascem poucas dezenas por ano, é fácil concluir.

Este parágrafo anterior penso que levanta outras questões: Que verbas envolve o projecto para o cão? Quais são os criadores envolvidos no projecto? Que qualidade tem os cães entregues? Será que se esta a trabalhar com gato em vez de lebre? Quantos cruzamentos já foram feitos com esses cães? Não é possível nenhum projecto para o solar? A longo prazo que continuidade vão ter esses cães? etc. etc. etc.

Toda a gente sabe que o cão esta em extinção e até já esteve bem pior, no entanto arrisco o seguinte: O cão de Castro Laboreiro desaparecerá num futuro próximo se não houver projectos concretos para o solar e se os Crastjeiros continuarem a ter o comportamento que tem tido nos últimos 30 anos. Este cão nunca se conseguiu expandir para fora do solar, nem nunca o conseguirá. Os poucos criadores fora do solar, que vão aparecendo esporadicamente, são apatxonados e fanáticos da raça, mas que se contam pelos dedos de uma mão e depois normalmente mudam de vida e desaparecem. Como disseram alguns autores do século dezanove: este cão fora do solar morre de desgosto (romântico) ou abastarda-se. Infelizmente faz muito tempo que o abastardamento também chegou ao solar, à nossa terra. Quantos juizes a julgar hoje em dia a raça, criaram ou criam Castro Laboreiro de uma forma séria e com qualidade. Nenhum. O tempo de esperança do drº António Cabral já vai longe e *Crastjeiros e Vro* há cada vez menos.

O Cão de Castro Laboreiro é um produto das gentes destas terras altas, dos montes, do clima, das feras que aqui existiram e existem e dos amigos de fora, que sempre valorizaram esta criatura, fazendo com que os "da boca negra" ainda tivessem mais orgulho, vaidade e estima por este deslóbos ou doslobos.

No futuro todos juntos vão ser muito poucos para salvar este magnífico Ser (Tisco). Américo Rodrigues do Outeiro

rodriguesamerico@hotmail.com



**M.A.F.**  
Construção Civil

Tel: 251 465 322  
Telem.: 924 957 825  
936 508 185

Cunhal do Gongoalo  
4980 Castro Laboreiro



**VALBRITO - Seguros**

Tel/Fax: 251 403 111 • Email: [valbrito@gongalo.pt](mailto:valbrito@gongalo.pt)  
Rua José Carlos VIANA s/n, N.º 62  
4950-544 MELGAÇO



**AGENCIA FUNERARIA JCG PIREES**  
UNIPessoal, Lda.

A sua Agência Funerária em  
Castro Laboreiro

Atividades para  
funerárias, transferências,  
depósitos em todo o  
país e estrangeiro

Serviço  
Personalizado

Tel: 251 450 020 - Tlm: 537 016 288  
Vim - Castro Laboreiro - 4950 MELGAÇO

passado presente futuro



Quanto às brandas da margem direita o número de residentes era de 419 pessoas, onde se destacava o lugar do Rodeiro com 145 habitantes. As brandas da margem esquerda apresentavam um total de 611 residentes, sobressaindo o lugar da Seara com 138, seguido dos Portos com 97.

Finalmente o recenseamento de 1970 adopta novamente o conceito de população presente, referenciando os lugares identificados em 1940, o que permite retomar a comparação.

O grupo dos 7 lugares fixos totaliza 729 pessoas, ou seja uma diminuição de 15% em relação a 1940. Apenas a Vila registou um aumento da população de cerca de 17%, enquanto Portelinha apresenta uma diminuição de 40%, contra cerca de 39% do Ribeiro de Baixo e de Várzea Travessa. A Vila com 183 pessoas, seguida do Ribeiro de Baixo com 143 e de Várzea Travessa com 104, apresentava-se como o lugar mais populoso. Este conjunto de lugares foi o que registou menor taxa de redução de habitantes

As brandas da margem direita registavam 230 pessoas presentes, ou seja menos de 48% do que em 1940. Todos os lugares reduziram substancialmente o número de habitantes em relação a 1940, especialmente Queimadelo com 64% e Adofreire com 50%. O lugar do Rodeiro com uma redução de 39% continuava a ser o mais populoso com 89 pessoas.

Por seu lado as brandas da margem esquerda com 348 pessoas registavam uma diminuição de 48%, com especial relevo para o lugar de Campelo com 74%, Padresoiro com 69%, Portos com 55% e do Curral de Gongalo, praticamente desabitado. A Seara com uma diminuição de 33% continuava a ser o mais importante com 104 pessoas seguido de Formarigo com 47, enquanto Campelo se via reduzido a 31 pessoas.

## II - Evolução Demográfica (Lugares)

### I - Margem direita do Rio

	1911		1940		1960 ①		1970		1981		1991		2001	
	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB
<b>1. Lugares Fixos</b>														
<b>Casca das:</b>														
Cobelo	16	76	23	84	32	77	23	60	17	33	19	23	20	20
Portelinha	33	126	30	114	31	132	37	92	38	42	25	29	49	27
Ribeiro de Baixo	43	156	43	156	43	57	40	96	40	96	32	61	45	50
Ribeiro de Cima	62	290	46	128	46	98	51	143	42	102	33	50	50	49
Várzea Travessa:														
Picodim	34	118	43	131	39	140	37	104	30	84	43	38	44	33
Vila	7	22	5	7	7	-	9	-	-	-	-	-	-	-
Vila	25	82	20	59	24	64	16	31	16	20	17	23	21	24
Vila	41	131	68	157	59	134	76	183	82	200	80	117	123	133
<b>Subtotal</b>	<b>218</b>	<b>895</b>	<b>278</b>	<b>849</b>	<b>321</b>	<b>742</b>	<b>289</b>	<b>729</b>	<b>265</b>	<b>579</b>	<b>249</b>	<b>363</b>	<b>352</b>	<b>338</b>
<b>2 Brandas</b>														
Rodeiro	-	-	37	147	64	145	28	89	27	84	28	62	31	37
Aurões	-	-	43	13	13	26	7	20	-	-	19	-	-	-
Adofreire:														
Oureiro	-	-	19	79	18	62	15	39	11	37	13	31	16	19
Queimadelo	-	-	6	24	8	13	5	12	-	-	-	-	-	-
Palagueiras	-	-	20	77	27	63	16	28	17	43	14	26	16	16
<b>Subtotal</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>18</b>	<b>73</b>	<b>35</b>	<b>53</b>	<b>15</b>	<b>42</b>	<b>15</b>	<b>34</b>	<b>12</b>	<b>27</b>	<b>15</b>	<b>25</b>
<b>Total</b>	<b>218</b>	<b>895</b>	<b>296</b>	<b>922</b>	<b>356</b>	<b>795</b>	<b>444</b>	<b>771</b>	<b>420</b>	<b>613</b>	<b>361</b>	<b>630</b>	<b>667</b>	<b>663</b>

### II - Margem Esquerda do Rio

	1911		1940		1960 ①		1970		1981		1991		2001	
	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB	F	HAB
<b>1. Brandas</b>														
Tes o	-	-	13	57	44	40	11	37	-	-	13	22	15	4 ①
Formarigo	-	-	24	68	20	37	15	47	-	-	-	-	-	2 ①
Portela	-	-	7	19	8	24	9	32	-	-	10	21	12	22 ①
Campelo	-	-	26	119	28	71	19	31	14	36	21	50	29	42 ①
Curral de Gongalo	-	-	12	49	25	61	2	2	15	39	10	26	10	13 ①
Portos	-	-	19	99	23	97	17	44	17	63	16	33	23	36 ①
Ribas	-	-	13	56	25	78	16	32	16	49	16	48	18	36 ①
Padresoiro	-	-	11	60	34	65	12	19	11	32	12	39	12	22 ①
Seara	-	-	34	130	32	138	32	104	29	92	17	33	33	43 ①
<b>Subtotal</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>161</b>	<b>677</b>	<b>239</b>	<b>611</b>	<b>133</b>	<b>348</b>	<b>102</b>	<b>311</b>	<b>71</b>	<b>272</b>	<b>142</b>	<b>220 ①</b>

Notas: - Censos de 1911, 1940, 1960 ①, 1970, 1981, 1991 e INE para o ano de 2001;

- ① População Residente

Este é o primeiro registo que inicia o declínio da população devido à emigração para França e à deslocação para outros locais do País por motivos de estudos. Os dados mostram que o conjunto de lugares fixos foi o que mais resistiu. Em 1981 o recenseamento da população mostrava claramente a desertificação crasteja. O conjunto dos lugares fixos registava 579 pessoas, ou seja uma diminuição de 20% em relação à década anterior. Os lugares mais afectados foram o do Vido com uma redução de 61%, seguido do de Portelinha com 55% e das Coriscadas com 42%. Apenas a Vila continuava a aumentar de população, atingindo as 200 pessoas, consolidando a posição de lugar mais povoado. Seguiam-se o Ribeiro de Baixo com 102 pessoas e Várzea Travessa com 84. Portelinha registava apenas 42 presentes.

(Continua na página seguinte)

**HOTEL TURISMO BRAGA \*\*\*\*\* HOTEL CARANDÁ \*\*\***

**NO CENTRO DA CIDADE DE BRAGA**

Reservas: Tef.: 253 206 000 \* Fax.: 253 206 010

www.hotelismobraga.com \* www.hotelcarandá.com



Nas brandas da margem direita apenas estavam presentes 198 pessoas, correspondendo a uma diminuição de 24%. Os lugares do Outeiro e dos Antões deixam de ser referenciados como núcleos populacionais, eventualmente enquadrados na Adofreire e no Rodeiro, respectivamente. Este último com 84 pessoas continuava a ser o mais populoso.

Na zona das brandas do Pedroso o número de habitantes era de 311, ou seja menos 11% do que em 1970. O lugar da Seara continuava a ser o mais populoso com 92 habitantes.

O recenseamento de 1991 confirma o declínio da população e os lugares fixos apresentavam um total de 363 pessoas, ou seja um decréscimo de 37% em relação ao decénio anterior. Pela primeira vez o lugar da Vila apresentava uma diminuição significativa, superior a 41%, dos seus habitantes fixando-se em 117 pessoas. Os lugares do Ribeiro, que nas décadas anteriores tinham resistido à desertificação, perderam na década 51% dos seus habitantes no caso do Ribeiro de Cima e 37% no Ribeiro de Baixo. Por seu lado Várzea Travessa e Portelinha continuavam a perder habitantes que na década em causa se cifrou em 31%, para cada um. Assim os lugares outrora mais populosos estavam reduzidos a algumas dezenas de habitantes e apenas o da Vila com 117 pessoas ia além da centena, enquanto o Ribeiro de Baixo com 61 e Várzea Travessa com 58 e o Ribeiro de Cima com 50 ocupavam as posições cimeiras. Portelinha registava apenas 29 pessoas, as Corscadas 25 e o Vido 23.

Nas brandas da margem direita o cômputo geral era de 146 pessoas, menos 27% do que em 1981. Queimadelo diminuiu os seus efectivos em 40% fixando-se em 26 pessoas e o Rodeiro 27%, registando 62 pessoas o que lhe permitia continuar a ser o lugar mais populoso, seguido da Adofreire com 31, enquanto as Falagueiras tinha 26.

Para as brandas da margem esquerda, depois da grande redução da década de setenta, a diminuição foi de 13%, fixando-se nas 272 pessoas. A maior queda foi registada no lugar da Seara cujo número de habitantes passou de 92 em 1981 para 33 em 1991, ou seja uma redução de 64%. Ao invés os lugares de Campelo e do Padrescio viram os seus efectivos aumentarem de 39% e 20%, respectivamente, enquanto o das Eiras se manteve nos 48 habitantes. Assim o lugar mais populoso do Pedroso era Campelo com 50 habitantes, seguido das Eiras com 48, do Padrescio com 39 e dos Portos e da Seara com 33 cada.

Finalmente no último recenseamento da população efectuado em 2001, os lugares fixos registaram uma ligeira redução de cerca de 3% atingindo as 352 pessoas, correspondendo a pouco mais de 41% da população existente em 1940. Individualmente o Lugar de Várzea Travessa foi o mais afectado, perdendo 78% dos vizinhos que ficaram reduzidos a 33, enquanto as Corscadas com 20 pessoas e Portelinha com 27, registavam uma perda de população de 76%, contra 71% do Vido, 66% dos Ribeiros e 25% da Vila.

No grupo das brandas da margem direita a sangria foi ainda maior. As 107 pessoas registadas pelo último censo correspondiam apenas a cerca de 24% da população de 1940.

No conjunto dos lugares Adofreire e Outeiro, com apenas 19 habitantes em 2001 representavam 19% dos registados em 1940, ou seja uma diminuição de 81%, idêntica à verificada no agregado Rodeiro/Antões que passou de 190 pessoas em 1940 para 37 em 2001. Por seu lado o lugar de Queimadelo passou de 77 pessoas em 1940 para 16 em 2001 e as Falagueiras de 73 para 25, correspondendo a uma de diminuição de 79% e 66%, respectivamente.

Para as brandas do Pedroso tivemos de utilizar o conceito de população residente, porque o censo volta a fazer a distribuição dos habitantes por brandas e inverneiras, interrompendo a metodologia que vinha sendo adoptada desde 1970. Desta forma os números têm de ser encarados com as mesmas reservas do censo de 1960. Os 218 residentes em 2001 representavam 32% dos existentes em 1940. Os lugares mais populosos em 1940, como a Seara registou um decréscimo de mais de 70%, enquanto Campelo, os Portos e Padrescio registaram diminuições próximas de 65%, contra 74% de Curral de Gongoal. Apenas o lugar da Portela manteve uma certa estabilidade ao longo do período em análise.

Assim e em resumo o conjunto de lugares para os quais foi possível encontrar dados, registou uma diminuição da população que rondou os 70%. Esta diminuição do efectivo foi acompanhada de um agravamento da idade média, ou seja dum envelhecimento da população, o que torna o processo de desertificação praticamente irreversível. É um aspecto que abordaremos noutra altura

### Nevoeiros Serranos do Mundo Fantástico e Mitológico – III

#### Os Lobos

Mais uma lenda recolhida por Álvaro Campelo na Vila de Melgaço, de uma informante emigrante em França:

"No tempo em que de noite não havia luz em lado nenhum, os lobos vinham com frequência visitar as casas. Nas noites escuras de Inverno, quando certos barulhos circundavam as casas, todos se arrepiavam, pensando no lobo esfomeado.

As histórias de pessoas e rebanhos devorados pelos lobos ouviam-se com frequência junto à lareira. Naquela dia o Agostinho tinha ido a Castro Laboreiro com o seu carro de bois. Ganhava a vida carregando feno, vinho ou lenha dos montes. Camiões e camionetas era coisa que não existia. Nesse dia carregara o carro com uma pipa de vinho para Laboreiro e, no regresso, para aproveitar o frete, trazia um carro de feno, abundante lá por Castro Laboreiro. Já que tinha de fazer o caminho, assim ganhava duas vezes, ocupando sempre o carro.

Quando regressou, como a viagem era longa e o caminho difícil para a segurança da carga, já fazia noite. Vinha sozinho com os bois entrepastos pela ladeira a baixo, com um aguilhão pr'a picar o gado. No meio da escuridão, o gado parecia conhecer melhor o caminho do que tio Agostinho, que ora seguia à frente dos animais, ora se colocava ao lado, conforme os locais e a disposição.

Havia passado Lamas de Mouro e estava perto de Cubalhão, num sítio a que chamam «as Grandes Botas de Cubalhão». Num raio de 4 ou 5 Km não se vê viva alma ou casa habitada. Ali não existe nada! As pessoas diziam que aquelas «botas» eram muito medrosas por ali ter sucedido há muito tempo acontecimentos estranhos com lobos. Conta-se que ali, numa encruzilhada, aparecia um lobo que comia as pessoas. Todo o que por aquele local passava, a uma certa hora, era comido! É verdade que alguns diziam terem visto no dito lugar botas, bocados de pés... Acontece que uma vez um homem muito valente, quando soube que tinha aparecido mais umas botas e pernas disse: " – Eu vou desafiar o lobo! Vou matar esse lobo maldito!" Ninguém queria acreditar no que estava a ouvir. Os outros homens bem tentaram dizer-lhe que o que pretendia era uma loucura, e que iria morrer, como os outros; que ele sozinho não conseguia matar o lobo. Mas ele fez ouvidos de mercador e, depois de apantalar com uma boa caneca de vinho, foi para a encruzilhada esperar o lobo, levando consigo um valente pau com que estava habituado a lutar nas festas e nas feiras da região.

A dado momento apareceu o lobo. Assim que o viu, o homem levantou o pau, em posição de espera, ora rodado à direita, ora à esquerda, na tentativa de não ser surpreendido pelo lobo. O lobo foi-se aproximando, confiante, mas sem grande entusiasmo, como querendo estudar os golpes do seu adversário. O homem bem tentava «botar-lhe» o pau, mas o lobo, de tão manhoso e inteligente, apantava o pau ao homem com o rabo! O pobre do homem por mais ágil que fosse, não conseguia acertar nem na cabeça nem no corpo do lobo, porque este desviava sempre o pau com o rabo. Durante a noite o homem foi lutando sempre, na expectativa de acertar na cabeça, mas sem sucesso. Começava a ficar cansado e a baixar cada vez mais a vara. Parecia que o lobo sabia o que estava a fazer: levar o pobre do homem a tal fadiga que, não conseguindo depois defender-se, o poderia comer a seu belo prazer.

Na aldeia a espera já angustiava os mais hesitantes. Então, um dos antigos, foi atrás dele: " – Esse desgraçado vai-se fazer comer! Deixa-me ir acudi-lo". Pegou num outro pau e lá foi, não sem antes deixar de levar consigo lume, para assustar o lobo. Quando chegou junto do amigo, estava ele ainda a lutar com o lobo, e o lobo a deitar-lhe o rabo... Resolveu atacar o lobo pelo outro lado, a ver se lhe acertava na cabeça, pois ele não se podia defender dos dois ao mesmo tempo. Desta forma conseguiram dominar o lobo e matar a fera que a todos assustava.

Estava o tio Agostinho a pensar nesta luta, quando viu aproximar-se dele um grande cão, que logo viu ser um lobo! Perante tal visão, sentiu um arrepio pelo corpo todo. Segurou com força o aguilhão do gado, e colocou-se na frente dos bois, sem nunca tirar os olhos daquele animal que não deixava, agora, de o seguir. Durante 2 Km o lobo acompanhou-o, sem mostrar qualquer receio, nem esboçar qualquer ar de ferocidade. Não teria ele fome? Estaria ele ali só para lhe lembrar que aquele era o seu território, exigindo o respeito que lhe era devido? A resposta era difícil de encontrar, mas o certo é que, já perto de Cubalhão, às primeiras casas, o latir dos cães ao barulho dos rodados do carro fez parar o lobo. Tio Agostinho sentiu que o sangue voltava, na certeza de que dali para baixo já não era terra de lobos."

[CAMPELO, Álvaro – Lendas do Vale do Minho, 2002, pp. 89-91]

[CAMPELO, Álvaro – "O discurso do fantástico no concelho de Melgaço". Boletim Cultural de Melgaço, n.º 2, 2003, pp. 94-96]

passado presente futuro



Dr. Técnico  
Goncalves  
**FARMÁCIA**  
Goncalves

2ª Loja à Rua de São João - 1540A  
1540B VILA - 1540B em 17.30h\*  
\*Horário de Atendimento da Farmácia  
Horário para Emergência 24h - 1540B

Tel/Fax: 251 465 319  
Castelo Laboratório 4960-057 Melgão

**JULIO N. RODRIGUES**  
**O NOSSO CAFÉ**

Serviço de TAXI  
Disponível 24h p/ DIA

181 Rua António Moreira  
10 Dir. 4960 Melgão

N.ºs. Telef: 251 461 910 Telef: 945 119 721  
Móvel: 251 462 445 B.ºm: 945 287 528

**Desejo receber\* o Jornal** Porto dos Galileus

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

C. Postal \_\_\_\_\_

E-Mail \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Valor da assinatura:  Portugal 7€  Europa 10€  Resto Mundo 12€

Assinatura: \_\_\_\_\_

\* Recorte o cupão e envie para os nossos serviços comerciais. \* Ou pagar já no local (a.º hora em vigor)

**EMIGRAR «A SALTO» NA GAVIEIRA**

«Em todas as aldeias portuguesas, em todas as freguesias das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza a continentes longínquos. Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice [...] Vinha já dos bisavós, de mais longe ainda; coisa que se herdava e legava, arrastando-se pela vida fora como um peso inquietante» (Castro, 1935: 30).

Na freguesia serrana da Gavieira, o fenómeno migratório não aparece aureolado de simplicidade e rimado por um fascínio de um progresso optimista. É um fenómeno de perdas e de êxitos, carregado de sucessos e de fracassos (claramente demonstrados nas entrevistas que realizámos em 2003). Depois da Segunda Guerra Mundial os países do Norte e do Centro da Europa, em plena evolução industrial, são os novos necessitados de grandes quantidades de mão-de-obra. Em face desta emigração massiva não é de estranhar que o concelho de Arcos de Valdevez tivesse atingido o seu máximo demográfico em 1950, graças a uma emigração até então moderada. Mas a «repulsão demográfica» intensificou-se logo nos anos seguintes até atingir o topo em 1970. De 1864 a 1990 emigraram cerca de 30 000 pessoas originárias do concelho (Caldas, 1994: 277-278).

A emigração de tipo económico mas também político provocou a partida clandestina sem precedentes. «Entre 1950 e 1974, um milhão e meio de habitantes emigra oficialmente» (Oliveira, 1982. Apud Lima, 1994: 171). Acrescentando a estes números a emigração clandestina nesta época, pode-se dizer que cerca de um terço da população faz esta experiência.

Nesta microsociedade raiana, os homens sempre partiram ou para os grandes centros urbanos Lisboa, Porto, ou, como tem vindo a acontecer nas últimas décadas do século findo, para França em busca de um «pé-de-meia» que lhes permita uma velhice tranquila e desafogada. Perante a inércia do subdesenvolvimento e da forte pressão demográfica, responsável em parte pelo baixo nível de salários e à baixa produtividade agrícola, sair do país constituía, o único caminho para escapar a uma situação particularmente difícil que Portugal atravessava.

Nestas saídas «a salto», a fome e o frio foram os principais inimigos:

— «Eu, juntamente com outros dez homens levámos oito dias e oito noites a chegar à fronteira de França. Falámos com um "passador" de Uleias (Galiza) que depois nos encaminhou para outros. Já em Espanha, dormimos num palheiro e, para evitar o frio, tivemos que meter feno dentro das cuecas e da camisa. Pouco ou nada dormíamos, caminhávamos dia e noite de baixo de neve e chuva. Uma vez, durante a viagem, ficámos 24 horas sem comer! Apesar dos maus bocados que passámos não desistimos, porque se nos apanhassem éramos presos!» (Informante, 81 anos, Julho de 2003).

Em todo este processo, os «passadores» (alguns deles padres) assumiam um papel de suma importância, dando mostras de conhecerem profundamente os meandros desta actividade.

Nesta comunidade, a emigração assume-se como um fenómeno frequentemente presente nas memórias locais e que viria a revelar-se como um dos grandes propulsores da mobilidade social e um factor determinante na configuração contemporânea da freguesia. Os países de destino destas gentes são, sobretudo, França, Suíça e os Estados Unidos da América, assumindo-se a França como país de destino privilegiado. Nestes países, os homens trabalham essencialmente na construção civil e as mulheres na indústria ou como empregadas domésticas. As trajetórias de vida dos gavieiros que abandonaram a sua terra natal exibem um conjunto de traços comuns, independentemente do local de destino. A principal motivação que subjazia à saída era (e continua a ser) o desejo de alcançar uma vida melhor. Um motivo forte para o abandono do país era a fuga à mobilização para a guerra colonial, e por isso muitos, quando as autoridades os procuravam, dormiam nos palheiros, no monte ou mesmo de baixo dos penedos. Para muitos, emigrar clandestinamente a «salto» era a única solução, vendo-se forçados a passar por momentos particularmente difíceis e muitos deles sem terem ninguém que os ajudasse nos países de destino. Logo que chegassem ao país de destino no que os esperava era trabalhar arduamente aceitando qualquer emprego para poder saldar as dívidas contraiadas. As mulheres ficavam a cuidar dos filhos e a trabalhar na agricultura.

Estas fugas clandestinas foram facilitadas com a abertura de novas estradas na montanha, levadas a cabo pelos serviços florestais, o que contribuiu decisivamente para quebrar o isolamento da freguesia e, deste modo, facilitar as partidas. Estas catalizaram outras tantas, a partir do momento em que houve condições que foram proporcionadas pela conjuntura económica de muitos países da Europa, momento na França.

Pela abundância de oportunidades e, bem assim, pelos níveis de remuneração, os países de destino viriam a converter-se no motor do maior salto qualitativo das condições de vida na Gavieira que a memória das suas gentes regista. E por isso é que, de há quarenta anos a esta parte, a possibilidade de emigrar para o estrangeiro se manteve como o principal catalisador dos projectos de vida e das aspirações da grande maioria dos indivíduos e das famílias desta microsociedade, embora mantenham vivos os laços que os prendem à terra natal. Dal que, a Gavieira, tal como muitas outras freguesias serranas do concelho de Arcos de Valdevez, sejam consideradas comunidades transnacionais mantendo uma forte ligação entre ambas — população residente e população emigrada.

**José Pinto / jose.pinto@portugalmail.pt**

**Referências bibliográficas**

- CALDAS, Eugénio de Castro — Terra de Valdevez e montaria do Soajo: memória monográfica do concelho de Arcos de Valdevez. [Lisboa]: Verbo, 1994. ISBN 972-22-1575-2.
- CASTRO, José Maria Ferreira de — Emigrantes. 4.ª ed. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, 1935.
- LIMA, José da Silva — «Deus, não tenho nada contra...»: socialidades e eclesialidade no destino do Alto Minho. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1994. ISBN 972-9290-09-1.

**Restaurante Bibóeiro**

Vila Verde, Portugal

1/2 Rua da Igreja, Vila Verde, Portugal

Telefone: 251 465 319

Castelo Laboratório

**Essso**

**PETRO LAMAS**

Handbook do dilemático de Gasólio  
para aquecedores

Vila Verde, Portugal

Telefone: 251 465 319

Castelo Laboratório

**CAFÉ ALTO MINHO**

**TAXI PERMANENTE 24h**

Telefone: 251 465 133 (casa)  
Telefone: 251 465 311 (celular)  
936 265 322

VILA - CASTRO LABOREIRO  
4960 MELGAÇO

**Meio**

Rua Forte dos Arrependidos, 762  
Melgão  
4430-099 VILA NOVA DE GAIA



**LAMAS DE MOURO – OBRAS**

Alargamento do caminho do Cancelo, em direcção às Esteiras.  
 Início da substituição dos blocos em cimento, para pedra, nos muros do lugar.  
 Alargamento do caminho das Beilhosas.



**Rendimentos da Paróquia de Lamas de Mouro - A Cóngrua de 1870/71**

A cóngrua era um imposto eclesástico a que o povo estava obrigado a concorrer para a sustentação do clero. Tive a sorte de tropeçar num rol da cóngrua para a freguesia de Lamas de Mouro – que abaixo se publica – relativo ao ano de 1870/71. Nesse rol constam o nome das pessoas e o montante efectivo a pagar. O cobrador foi um Manuel António Rodrigues, da vila de Melgaço, que nomeou para seu procurador bastante Manuel António Esteves, do lugar da Gaia, freguesia de São Paio de Melgaço. O fiador foi João Correia dos Santos Lima. O coetâneo pároco de Lamas de Mouro era o P.º José Joaquim Rodrigues.



Canunha; Cortes; do Rio; Cella). Um outro (Covelo) já desapareceu nesta freguesia, mas ainda é vulgar na contigua freguesia de Castro Laboreiro.

Em Lamas de Mouro, este singular pormenor dos alcunhos está condenado ao desaparecimento, mas, em contrapartida, em Castro Laboreiro ainda continua bem vivo e já mereceu um estudo de voto do Doutor Luis Polanah – “Do uso e significado das alcunhas na freguesia de Castro Laboreiro”. Uma primeira versão desse trabalho já foi publicada em 1978 – há quase trinta anos – e contou apenas com o trabalho de campo do autor e a tradição oral como única fonte informativa. Talvez seja tempo de lhe dar alguma continuidade, desenterrando, sobretudo, as referências ocasionais registadas nos documentos históricos. Para os interessados, que se sintam com coragem suficiente de empreender esta árdua tarefa, aqui ficam os parcos indícios deste documento.

Mas este é apenas um pequeno detalhe, outros se podem agitar, por isso, aqui vai o documento na íntegra, para futuros proveitos:

**“Lamas**

**Rol da congrua da freguezia de Lamas para o anno de 1870 a 1871, o qual vai ser intregue a Manoel Antonio Rodrigues desta Villa, tendo d'entregar ou o seu fiador João Correa dos Santos Lima, ao reverendo parcho a quantia de 38.400 r.º, ao secretario a de 1.400 r.º havendo para elle cobrador a de 1.100 r.º, procedendo contra os omissoes na forma da lei.**

**Pella prezente escrita e assignada constituo por meu bastante Procurador ao senr. Manoel Antonio Esteves cazado do lugar da Gaia da freguezia de São Paio desta comarca para que em meu nome como se prezente fosse possa fazer a cobranca de todas as congngas constantes do prezente Rol pertengente a freguezia de Lamas desta comarca de Melgaço podendo de tudo quanto receber passar os recibos que lhe forem eggedidos e dandome oportunamente conta de tudo quanto receber podendo igualmente fazer entrega ao R.º Pareco do que a este corresponda de que abera competente recibo. E por verdade e firmeza do referido passei a prezente que assigno**

[sobre um selo de 60 réis] Melgaço 27 de Janeiro de 1871 um  
 Manoel António Rodrigues

passado presente futuro

N.ºs	Nomes e Lugares	Quantias
<b>Alcobaça</b>		
1	Antonio Roiz	\$630
2	M.º Domingues da Ferraria	\$500
3	João de Porto Carreiro	\$080
4	Manoel Gonçalves	\$650
5	Ant.º Domingues Covello	\$950
6	Angelica Dom.ºª Canunha	\$400
7	Bento Dom.ºª Canunha	\$700
8	Ant.º Dominges Canga	1\$000
9	Manoel Senra	\$200
10	Maria Luiza Cortes	\$750
11	Luis Domingues Callado	\$080
12	Maria Domingues Solteira	\$040
<b>Gavião</b>		
13	Maria Luiza	\$180
14	M.º Antonio Pires	\$820
15	Roza Dom.ºª Viuva	\$820
16	Domingas Domingues Viuva	\$960
17	Izabel Domingues	\$470
18	Manoel Domingues	\$660
19	Roza Pires	\$400
20	Joaquina Dom.ºª Viuva	\$470
21	Joaquim Alveres	\$700
<b>Lamas</b>		
22	Antonio Pereira	\$400
23	Jose Pereira Bacelar	\$850
24	Jose Alveres Senra	2\$060
25	Fran.ºº Gonçalves,	
	da legitima q. comprou	\$255
26	Joaquim Dom.ºª	1\$100
27	Herd.ºª de João Roiz	1\$800
28	João Domingues Cancellia	1\$200
29	Bento Domingues	
30	Fran.ºª Dom.ºª Barreira	2\$200
31	M.º Dom.ºª Carrigo	2\$030
32	Domingos Rodrigues	\$870
33	M.º Dom.ºª Cancellia	\$650
34	Ant.º Alves Senra	1\$870
35	M.ºª Gonçalves do Rio	1\$800
36	Antonio Pereira da Fechoa	\$600
37	Roza Dom.ºª e Luis Pereira	1\$100
38	M.º Antonio Affonso	2\$560
39	Antonio Affonso	4400
40	Fran.ºª Pereira	\$600
41	Jose Esteves	\$630
42	Antonio Calado	\$530
43	Om.ºªº peio que comprou	\$065
44	Joaquim Santos	1\$070
45	M.ºª Joaq.ª Pereira	1\$800
46	Antonio Alves da Fechoa	\$160
47	Jose Pereira Cella	\$210
	Somma	40\$900

Somma quaranta mil e nove centos reis  
 Melgaço 12 de Julho de 1870

- O Adm.ºº do Con.º Caetano Jose de Afonso Cunha Araújo
  - O Arcipreste – Francisco Tutorio Soares (...)
  - O Prezid.º da Camara Lourenço (...)
  - O Fiscal da m.ºª
  - O Juiz de Pas -
  - O secretario – Germano Aug.ºº d'Am.ºª Albuquerque.
- Recebi da mão do cobrador Manoel Antonio Rodrigues do semestre 6.920 seis mil e nove centos e vinte. Melgaço 6 de Febr.º  
 P.º Jose Joaquim Rodrigues
- Recebi da mão do cobrador Manoel Antonio Esteves do anno que vai concluido nove mil reis Lamas de Mouro 15 de Junho de 1871 O emcomendado Jose Joaquim Rodrigues
- Recebi mais 9500
- Recebi da mão do senhor Manoel Antonio Esteves o dia 2 do mas de outubro de 1871 a quantia de 6220 O emcomendado Rodrigues
- Recebi mais o dia 9 de outubro 2000 r.º
- Recebi da mão do cobrador Manoel Antonio Roiz 2900. O presbitero Jose Joaq.ª Roiz.º

José Domingues monteslaboreiro@hotmail.com



Das mãos da “tia Rosa Pedra”, parteira de ocasião, nasceu no dia 25 de Março de 1922, no lugar das Cainheiras JOSÉ JOAQUIM ALVES, meu avô materno, filho de Manuel Luís Alves e Maria Rosa Gonçalves. Tinha sete irmãos, cinco rapazes (Manuel José Alves, Anibal Alves e Abílio Alves, já falecidos, António Alves e Francisco Alves) e duas raparigas (Maria do Carmo Alves e Ortelinda Alves). José Bispo, como é conhecido, é o terceiro mais velho. Nunca teve um dia de escola; a sua vida foi decorrendo como a de qualquer outra criança crasteja da época: entre duas brincadeiras e uma imensidade de trabalho no apoio às tarefas agrícolas. De catorze anos foi para Trás-os-Montes com o pai e o irmão mais velho, Manuel José Alves.



“Foi lá que aprendi a escrever as poucas letras que sei pois na altura não havia escolas na freguesia e todas as mãos eram poucas para o trabalho no campo. Os colegas, em Trás-os-Montes, ensinaram-me a escrever e a fazer contas. À noite, depois de um dia extenuante de trabalho davam-me umas lições. Com o passar dos anos fui aprendendo por mim próprio com muita persistência e gosto. Trabalhávamos desde o amanhecer até ao pôr-do-sol e dormíamos num desconfortável e frio lagar de vinho. Num corte ao lado ficava um burro e nós para nos rirmos um bocadinho dávamos-lhe umas corridas. A cama era feita de palha e umas mantas para nos cobrir. De Outubro ao São João era lá que trabalhávamos por um salário de seis escudos por dia. As refeições eram por nossa conta. Só vínhamos à terra uma vez por ano mas ficávamos de quatro a cinco meses para fazer o trabalho duro do Verão: cega da erva e do centeio e no arranque das batatas”.

Carrazeda de Ansiães em Trás-os-Montes foi a terra que o acolheu. Saliu, a pé, de Castro Laboreiro e às cinco e vinte da manhã apanhava o comboio em Monção numo a uma terra desconhecida deixando para trás tudo e todos quantos lhe eram queridos.

“Os mais novos, eu incluído, tínhamos trabalho extra: à noite preparávamos o jantar e de manhã bem cedo tínhamos que ir buscar os porteiros e os picos que, na noite anterior, ficavam no ferreiro mais próximo”.

Dos catorze aos vinte e um anos por lá ficou. Só não trabalhavam ao Domingo, dia dedicado a ir buscar lenha aos pinheirais (necessária todo o ano pois era com ela que cozinhavam), fazer algumas compras e ocupar-se da sua higiene pessoal.

“À era só para trabalhar, não havia divertimento nenhum, depois na terrinha era algo diferente: havia as festas, os bailes e apesar de trabalharmos imenso, já era com outra alegria. Outro dos meus grandes prazeres, apesar da minha tenra idade, era fumar. Sabia que quando o meu avô tivesse tabaco eu também tinha...”

“Com vinte e um anos vim trabalhar para o minério e por aqui fiquei durante dois anos. Iamos trabalhar para Campinhos Verdes, no monte da Seara, o que para mim era bom pois ficava perto de casa. O trabalho consistia em cavar com a ajuda de uma pá e uma picareta a terra que era transportada às costas para ser lavada a fim de extrair as pequenas e acastanhadas rochas do volfrâmio”.



“No Inverno mudávamos para a Inverneira das Cainheiras, mas durante o minério por vezes optávamos por ficar nos Portos, pela proximidade e para descansarmos mais. Muitas eram as vezes em que éramos obrigados a ficar no monte para aproveitar o tempo e evitar problemas. Trabalhávamos por grupos, à sociedade e quando se tratava de ficar a guardar o nosso lugar era 24 horas por dia, sobretudo quando pressentíamos que um filão estava perto. Os grupos eram formados por três ou quatro pessoas. Mas eu não fui dos que trabalhei mais no minério, os meus irmãos Manuel e Anibal esses sim. Eu ia mais para a lavoura.”

Decorria o ano de 1944 quando terminou a exploração do minério precipitada pela guerra mundial e consequente descida de procura. Entre 1944 e 1946 José Alves passou os Invernos na Limia, em Espanha. Em 1946 partiu para o Barroso, concelho de Montalegre onde passaria um ano.



“As recordações não são muito boas pois só se pensava no trabalho. Quando regresssei, decidi em conjunto com mais cinco companheiros ir para França, “a salto”. Comigo foram: António Gonçalves, Manuel José Rodrigues, António Esteves, Manuel Rodrigues e António Rodrigues. Saimos de casa com salvo-condutos de amigos espanhóis e outros com documentos falsos de residência em Espanha. Foi no mês de Dezembro, dia cinco ou seis já não me recordo exactamente. O local de partida foi os Portos, o primeiro destino Bande onde apanhámos o autocarro para Orense. Uma vez chegados a Orense agarrámos o comboio com destino a Valle Darán, localidade situada nos Pirinéus já bem perto da tão ansiada França. Uma vez chegados a Lérida, já não nos deixaram passar, fomos obrigados a acompanhá-los até Trem, uma vila coberta por um enorme manto de neve. Seguimos a pé com os Pirinéus como destino até chegar a um lugarejo chamado Porfo de Benàgua, onde pernolíamos num hotel. Por volta da meia-noite, estávamos nós já a descansar, chegou a guarda civil. Depois de verificarem os nossos documentos (três deles eram falsos) e remexer o quarto foram embora. Fomos obrigados a passar no quartel no dia seguinte mas só nos disseram: vocês podem seguir caminho pois tem bons “calcetins de lan”. Lá seguimos para Valle Darán, para uma empresa de construção civil. Pelo caminho fomos obrigados a parar outra vez, numa localidade repleta de militares e guardas, à volta de setenta e cinco talvez. Eles andavam a limpar a neve com a ajuda de cavalos e por ali ficamos dois dias. Depois seguimos até Esterre onde passámos seis dias. O pouco dinheiro que levávamos lá nos ia dando para comer. Um dia depois tiramo-nos à montanha”.

Encontraram todas as casernas dos militares fechadas. Estavam todos nas aldeias a ajudar na limpeza das estradas cobertas por um enorme manto branco. Durante dia e meio caminharam sem rumo no meio da neve. Ao anoitecer, para grande espanto deles, aperceberam-se que estavam outra vez na mesma localidade de onde tinham partido. Na manhã seguinte, bem cedo e desta vez em sentido inverso lá seguiram, cheios de fé e de coragem.

“Lá bem no alito da montanha avistámos alguns contrabandistas a fugir e logo mais abaixo uma caserna de militares, vazia, onde para alegria nossa encontramos documentos escritos em francês. A neve ia diminuindo, seguíamos por uma estrada fora quando uma mulher, numa bicicleta, passou por nós. Instantes depois dois guardas, também eles em bicicleta, vieram nos buscar; ela tinha-nos denunciado. Tiraram-nos o direito quase todo, a minha sorte é que o Bragado falecido levava-me 175 pesetas num sapato e aquele escapou. O que me confiscaram, apesar de mais tarde ter escrito para a embaixada a reclamá-lo nunca mais me foi devolvido. Também nos tiraram uma bola onde levávamos rum. Entregaram-nos aos gendarmes de Louatron. De dia faziam-nos trachar lenha e encarnala. Apesar de tudo era boa gente; davam-nos café a meio do trabalho e levavam-nos a comer ao restaurante. Contudo à noite iamos dormir para o calabouço. Na manhã do terceiro dia foram-nos buscar e levaram-nos para a cadeia de Toulouse aonde passámos três dias ao fim dos quais dois gendarmes nos acompanharam para um campo de concentração em Bordéus. A chegada coincidiu com dia de Natal, fizeram-nos passar uma visita médica e ao meio-dia fomos comer. Nessa noite, de Natal, sempre os seis juntos, estávamos na cama e dois espanhóis numa cela ao lado a comer presunto do bom e a beber bem. Nós só tínhamos uma bague de pão para os seis. Não reparáram nada connosco.



Alli no campo de concentração comíamos mal: era “ua auguinha” a que chamavam sopa e um bocadinho de pão que se via a cor do dia através dela. Por vezes os mais





para as "Portas de Climencourt" trabalhar para a construção de uma fábrica. Foi ali em Paris que passámos a grande greve de 1947. Foi uma fase muito crítica para a França. Não podíamos sair do acampamento e estávamos quase diariamente acompanhados por duas pessoas do sindicato. Também trabalhavam connosco dois espanhóis. Houve muitos mortos e a comida era pouca; uma autêntica miséria. Durante dois anos tínhamos talões de racionamento para usar nas compras. Essa foi a principal causa de uma greve que duraria um mês. Assim foi a história da ida para França dos seis atrevidos mas sempre leais companheiros."



velhos arranjavam mais algum pão, ao estrapelo (tinham de compra-lo às escondidas aos guardas). Uma vez o António Rodrigues conseguiu algum e guardou-o para mim e para o António Gonçalves que éramos os mais novos. Tinham pena de nós. Passamos lá cinco dias enquanto não arranjámos contrato de trabalho. Formos trabalhar para uma empresa de Orléans. Ali separaram-nos; eu fiquei sozinho mas lá me ia entendendo com o chefe e com o seu irmão. O sítio chamava-se Blois. O Gralheiro foi para Tours. Os outros para Romorantin. Mais tarde o patrão juntou-nos todos em Paris. Uma noite, ainda estava eu sozinho, cheguei a casa e tinha tudo encharcado. O gelo era tanto que rebentou uma torneira e inundou a casa. Fui dormir para o quarto do filho do patrão, pois ele estava a estudar numa cidade longe dali. Como havia muito gelo não trabalhávamos. O irmão do patrão perguntou-me então se eu sabia serrar lenha com a serra eléctrica. Eu respondi-lhe que sim mas nunca tinha visto uma à minha frente. Disse-ram-me: "José de manhã acendes o aquecimento com esta lenha seca e depois metes a lenha molhada". Eu lá fiquei, quando vieram de volta até deitaram as mãos à cabaça: a estufa estava nos 90°, ou seja quase a explodir. Depois daquela fase tudo entrou no rumo certo; fomos todos para Paris que aquela fase de uma fábrica. Estive lá três anos mais o que vai para as "Portas de Climencourt" trabalhar para a construção de uma fábrica. Foi ali em Paris que passámos a grande greve de 1947. Foi uma fase muito crítica para a França. Não podíamos sair do acampamento e estávamos quase diariamente acompanhados por duas pessoas do sindicato. Também trabalhavam connosco dois espanhóis. Houve muitos mortos e a comida era pouca; uma autêntica miséria. Durante dois anos tínhamos talões de racionamento para usar nas compras. Essa foi a principal causa de uma greve que duraria um mês. Assim foi a história da ida para França dos seis atrevidos mas sempre leais companheiros."

toda a minha vida, desde que me conheço como pessoa. Hoje com 82 anos ainda trabalho de sol a sol nos campos e barbeitos dos Portos e de Corveira, aldeias singulares de Castro Laboreiro"



José Joaquim Alves, por Sérgio Domingues

### Obras paroquiais na década de 50

Lista de donativos reunidos em França, pelo padre Aníbal Rodrigues para a restauração da residência paroquial.

Paris, 12-05 a 29-05 de 1957. Os valores são em Francos

Aníbal Rodrigues	5.000
Adjuto Esteves	5.000
Manuel Esteves	5.000
Adelino Gonçalves	10.000
António Gonçalves	5.000
José Afonso	5.000
Joaquim Rodrigues Moncho	10.000
José Maria Afonso	5.000
Adelino Afonso	5.000
José António Domingues	5.000
Domingos Rodrigues	5.000
Aníbal Pires	5.000
Adelino de Sousa	5.000
José Maria Pires	5.000
António Pires	5.000
Manuel Geraldês de Alcobaca	5.000
Albano Domingues	5.000
José Joaquim Esteves (Cobelo)	5.000
Germano Domingues	7.000
José Pereira de Cubalhão	2.000
Manuel Domingues	5.000

O Porto dos Cavaleiros vai publicar na integra, conforme o original, nos próximos números, todos os nomes das pessoas (dadores em França em 1957) que contribuíram para as obras realizadas. É de salientar que aparecem algumas pessoas que não são naturais da freguesia.

Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro

### Publicidade

**Cafe Bar Disco Pub**

**CASINO**

Tu Lugar Preferido de Copas

**RESTAURANTE**

---

C/Carniño da Igreja nº 4  
Terrochan ENTRIMO  
ORENSE

Telef.: 0034 988 434 914

**Dierum**

Educação de Infância, Lda.

Educação de Infância dos 0 aos 6 anos

Rua Santa Justa, 29 - 4700 Braga  
Telef. 253 215 891 - Fax (253) 217 540

passado presente futuro

# JORNADAS CULTURAIS 2005

## IV CONGRESSO DE HISTÓRIA LOCAL

*Dia 12 Agosto de 2004: Lugar da "Vila" em Castro Laboreiro*

21:00 NEP dos Montes Laboreiro - Sessão de Abertura  
 21:05 Doutor Angel Rodriguez Gallardo - Refugiados da guerra civil espanhola nos Montes do Laboreiro  
 22:00 Dr. Manuel Domingues / NEP dos Montes Laboreiro- A População de Castro Laboreiro (1527 a 2001)

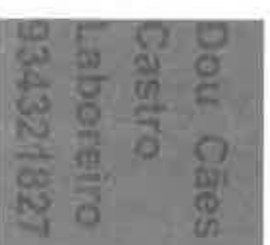
*Dia 13 Agosto de 2004 - Lugar da "Vila" em Castro Laboreiro*

15:00 Dr. José Domingues  
 - A Igreja de Castro Laboreiro  
 15:30 Prof. Doutor Pe José Marques  
 - Pe Manuel António Bernardo Pintor- Pároco e Investigador de História Local  
 15:55 Rotary Club de Montão  
 - Pe Bernardo Pintor - Obra Histórica  
 16:10 NEP dos Montes Laboreiro/António Domingues "Bernardo" /Prof. Doutor José Carlos de C. e Melo  
 - Apresentação do Livro "O Pequeno e o Lobo"

### SERÃO TEMÁTICO

**Dia 14 Agosto de 2004, Anfiteatro das portas do P.N.P.G. em Lamas de Mouro**

21:05 Dr. José Domingues  
 - Ordens Religioso-Militares em Castro Laboreiro e Lamas de Mouro  
 21:15 **Dr. Paulo Loução**  
 - Os Templários na Fundação De Portugal



**Dia 14 Agosto de 2004, 10 HORAS**

**16º Monográfica do Cão de Castro Laboreiro**

*Dia 14 Agosto de 2004, 14:30 HORAS*

**3º Colóquio sobre o Cão de Castro Laboreiro**

*Dia 15 Agosto de 2004, 14:30 HORAS*

**54º Concurso TRADICIONAL do Cão de Castro Laboreiro**



**Ficha Técnica**  
 Propriedade  
 Nêcleo de Estudos e Pesquisas dos Montes Laboreiro  
 Direcção  
 José Domingues  
 Américo Rodrigues  
 Direcção Comercial  
 Paulo Azevedo  
 Sérgio Domingues

**Colaboram nesta edição**  
 Manuel Domingues  
 António "Bernardo"  
 José Pirilo

**Impressão**  
 Humberto  
 Artes Graficas Lda  
 Rua do Freixo, 643  
 4300 - 215 PORTO  
 Dep. Legal  
 N.º206591/D4

**A realização de:**  
 Porto dos Cavaleiros  
 49660-061  
 Castro Laboreiro  
[publicidade@castrolab.com](mailto:publicidade@castrolab.com)



*Publicidade*

**urbegás**

LIGAÇÕES PARA GÁS NATURAL - REPARAÇÕES E ASSISTÊNCIA  
 SISTEMAS DE AQUECIMENTO - APARELHOS A GÁS  
 ESTUDOS E PROJECTOS - REDES DE GÁS

RUA DOS SAPATELOS, Nº 46-A  
 S. VÍCTOR - 4710-441 BRAGA  
 TEL. 253 257 777 / FAX. 253 257 776

**Miradouro do Castelo**  
 Restaurante Churrasqueira Turismo Rural  
 Actividades de Lazer  
 Vila - 49660/061 Castro Laboreiro  
 Tel/Fax: 251 465 469 Telem: 939 579 439

[www.miradourodocastelo.com](http://www.miradourodocastelo.com)